



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO INTENEDIADOR DE CONFLITOS
DISCIPLINARES NO AMBIENTE ESCOLAR**

Cláudia Lucas de Lacerda

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Campos Machado

Tutor-Orientador: Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento

Brasília

2015

Cláudia Lucas de Lacerda

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO INTERMEDIADOR DE CONFLITOS
DISCIPLINARES NO AMBIENTE ESCOLAR**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Profa. Dra. Liliane Campos Machado e do Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento.

Brasília

2015

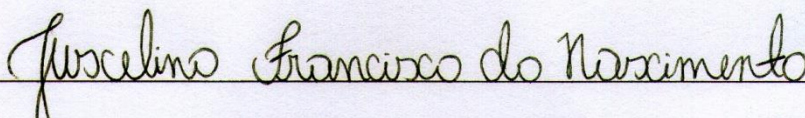
Cláudia Lucas de Lacerda

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO INTERMEDIADOR DE CONFLITOS
DISCIPLINARES NO AMBIENTE ESCOLAR**

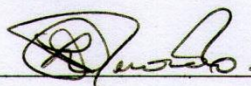
Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:



Profa. Dra. Liliane Campos Machado – (FE/UnB)
(Professora-orientadora)



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento – (UFPI/UnB)
(Examinador interno)



Profa. Ma. Lizandra Caires do Prado – (UnB)
(Examinadora externa)

Brasília, 19 de dezembro de 2015

À minha filha, Luísa, que sempre esteve ao meu lado durante todo o processo de elaboração da pesquisa, me apoiando e orientando. Aos meus pais, Sebastião e Leonília, que acreditam em mim e me apoiam em quaisquer circunstâncias, assim como meus irmãos, Luccas e Ester.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela perfeição da minha história.

Aos meus colegas, que se prontificaram, sem restrições, a participar desta pesquisa através da resposta aos questionários.

Aos meus alunos, que têm me ensinado, a cada dia, a lidar com o fenômeno da indisciplina e por terem, tão gentilmente, respondido ao questionário.

Aos gestores das escolas em que trabalho, Prof.^a Vanda dos Reis Clemente e Prof. Edson Estevão dos Reis, pelo apoio durante o período da pesquisa.

Ao meu tutor-orientador, Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento, que privou de suas horas de sono e lazer para me ajudar a realizar esta pesquisa, dirimindo minhas muitas dúvidas.

Ninguém começa a ser educador numa certa
terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém
nasce educador ou marcado para ser educador.
A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente,
na prática e na reflexão sobre a prática.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo tem como objetivo determinar o papel do coordenador frente aos conflitos disciplinares que ocorrem na escola. O coordenador pedagógico, muitas vezes, encontra-se envolvido em múltiplas atividades na escola, perdendo o foco do seu trabalho, que é o pedagógico. Para fundamentar esta pesquisa, foram utilizados os referenciais teóricos de vários autores, tais como La Taille (1994), Pedro-Silva (2014), Vasconcellos (2009) e Parrat-Dayana (2008). Na metodologia, optou-se por um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. Os dados da pesquisa foram coletados através de questionários fechados para os alunos e questionários semiabertos para os professores, coordenadores e gestoras. Alguns dados apontam que o papel do coordenador não está bem definido dentro da escola, que os professores têm sofrido com os problemas disciplinares, que existem alunos usuários de drogas, sendo que a maioria dos professores tem conhecimento desse fato, mas alguns professores o desconhecem, o que pode traduzir em falta de comunicação. Com este trabalho, chega-se à conclusão de que a função do coordenador deve ser repensada, principalmente no que diz respeito às questões disciplinares; e, ainda, que os professores precisam do coordenador pedagógico como parceiro, alguém que os ouça e que, juntos, encontrem soluções para diminuir os problemas disciplinares no âmbito escolar.

Palavras-chave: Coordenador Pedagógico; Intermediador; Conflitos Disciplinares.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 Conceito de (In) Disciplina	11
1.2 Indisciplina Escolar	12
1.3 O Professor Hoje	16
1.4 Estabelecendo Limites	19
1.5 A Intermediação do Coordenador Pedagógico	22
2 METODOLOGIA DE PESQUISA	26
2.1 O Campo da Pesquisa	27
2.2 Instrumentos de Coleta de Dados	28
3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	30
3.1 Análise dos Resultados dos Gestores	30
3.2 Análise dos Resultados dos Coordenadores	32
3.3 Análise dos Resultados dos Professores	36
3.4 Análise dos Resultados dos Alunos	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE A	58
APÊNDICE B	60
APÊNDICE C	63
APÊNDICE D	65

INTRODUÇÃO

Os maiores problemas que a escola evidencia nos dias atuais são a dificuldade de aprendizagem dos alunos, a indisciplina e a violência escolar.

Inserido nesse contexto, encontra-se o coordenador pedagógico que, sendo o elo entre a direção da escola e os professores, e destes com os alunos e suas famílias, muitas vezes precisa mediar os conflitos disciplinares que ocorrem no âmbito escolar.

Essa pesquisa partiu da necessidade premente que a professora pesquisadora sentiu por trabalhar, tanto como professora, quanto como coordenadora pedagógica, com alunos indisciplinados.

A escola em que foi realizada a pesquisa situa-se em Taguatinga – DF e, apesar de ser uma escola organizada, que trabalha com projetos, onde a direção é presente e atuante, é uma escola que conta com vários problemas disciplinares. Constantemente os alunos levam notificações pedagógicas para casa, os pais são chamados à escola e muitos professores, com larga experiência no magistério, têm se sentido impotentes diante desse quadro. Com frequência, o coordenador pedagógico é solicitado para resolver problemas de indisciplina.

Envolvido com os problemas do cotidiano, o coordenador acaba perdendo o foco da sua principal função dentro da escola, que é a pedagógica.

Para este trabalho, foi necessário, primeiramente, conceituar indisciplina, com base em algumas das literaturas existentes para evitar pré-julgamentos e o uso inadequado do termo. Em seguida, recorreu-se a leituras que refletissem sobre o papel do coordenador pedagógico porque, muitas vezes, a direção, os colegas e o próprio coordenador não sabem qual é sua verdadeira função dentro da escola.

O objetivo geral desse estudo é situar o coordenador como intermediador dos conflitos disciplinares, não como um “bedel”, mas como um parceiro da comunidade escolar e um formador dos professores.

Por meio de literatura própria e de pesquisa de campo realizada com uma turma considerada muito indisciplinada, na qual a professora pesquisadora leciona; e pesquisando, ainda, seus professores, os coordenadores da escola e as gestoras, pretende-se atingir alguns objetivos específicos.

Um dos objetivos específicos desse estudo é determinar o que causa a indisciplina nessa escola e que consequências os alunos pensam que a indisciplina pode trazer.

Outro objetivo é verificar como a indisciplina interfere no cotidiano profissional e pessoal do professor, no planejamento de suas aulas e na sua motivação.

Por fim, pretende-se investigar as relações de poder dentro da escola. Como se sentem e agem professores e gestores como autoridades.

Este trabalho está dividido em três capítulos: 1 Referencial teórico; 2 Metodologia da pesquisa; 3 Análise de dados e discussão dos resultados e Considerações Finais.

O primeiro capítulo apresenta uma breve discussão teórica sobre o tema, com o objetivo de subsidiar a pesquisa. Alguns autores como Souza e Placco (2006), Vasconcellos (2009), Parrat-Dayana (2008) e Antunes (2015), discorrem sobre o conceito de (in)disciplina, de modo que se pode perceber várias ideias sobre esse assunto; sobre a indisciplina escolar, que muitas vezes está ligada ao não cumprimento de regras, tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos professores; sobre o que angustia o professor hoje; sobre a necessidade de se estabelecer limites no ambiente escolar e sobre a intermediação do coordenador pedagógico, como um líder entre os professores, parceiro na formação destes e como sujeito no qual os alunos podem confiar.

O segundo capítulo aborda o tipo de pesquisa, o campo da pesquisa, os participantes, quais foram os instrumentos de coleta de dados e o porquê da escolha de tais instrumentos.

No terceiro capítulo, os dados coletados são analisados e discutidos com embasamento teórico deste estudo.

Por fim, nas considerações finais, apresentam-se as conclusões e de que forma a pesquisa pode colaborar com a ciência no que diz respeito à coordenação pedagógica.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A indisciplina não é um fenômeno novo para a escola. Ela sempre existiu, mas ultimamente, tem tomado um grande espaço dentro da escola, sendo a principal queixa dos gestores, coordenadores pedagógicos e, principalmente, dos professores, que têm convivido diariamente com esse problema, que desencadeia outros, como violência e baixo rendimento escolar.

1.1 Conceito de (In) Disciplina

É difícil conceituar disciplina, pois muitos teóricos da Educação divergem em seus conceitos.

O conceito de disciplina pode estar relacionado à existência de regras e à sua obediência. Segundo Parrat-Dayana (2008, p.3), disciplina significa regra de conduta comum a uma coletividade.

Alguns teóricos veem o ato de disciplinar como uma forma de transformar o homem em ser humano. La Taille (1994) cita que, para Kant, disciplinar seria educar o homem para ser homem, quer dizer, tirá-lo da sua condição animal. Ao sentar as crianças em fileiras, estava-se ensinando-as a controlar seus impulsos, ou seja, estava-se “humanizando-as”.

Para Pedro-Silva (2014, p. 21), “o termo indisciplina quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização”. Como as escolas, em geral, têm suas normas, seu regimento interno, de acordo com esta definição, o aluno que não segue essas normas seria classificado como indisciplinado.

Outros teóricos recorrem à definição do dicionário para definir disciplina, como é o caso de Macedo (2007, p. 144-145).

O Dicionário Eletrônico Houaiss (2001) enumera diversos significados de disciplina. De um ponto de vista etimológico, refere-se à “ação de se instruir, educação, ciência, disciplina, ordem, sistema, princípios de moral” e tem a mesma raiz de discípulo. Seus antônimos são confusão, desobediência, indisciplina. Além disso, pode-se entender disciplina como: 1) ensino e educação que um discípulo recebia do mestre (antigo); 2) obediência às regras e aos superiores; 3) regulamento sobre a conduta dos diversos membros

de uma coletividade, imposto ou aceito democraticamente, que tem por finalidade o bem-estar e o bom andamento dos trabalhos; 4) ordem, bom comportamento; 5) obediência a regras de cunho interior; firmeza, constância; 6) castigo, penitência, mortificação (antigo); e 7) ramo do conhecimento; ciência, matéria.

No que diz respeito à disciplina, no campo pedagógico, Vasconcellos (2009, p. 23-24) afirma que esse termo, em geral, é utilizado com três sentidos distintos, embora muito relacionados:

Disciplina como organização do ambiente de trabalho escolar, comportamento, postura, atitude;
Disciplina como rigor de pensamento, disciplina mental (Locke); também no sentido de exercício, *ginástica mental*;
Disciplina como campo de conhecimento, área de estudo.

Apesar de esses termos estarem relacionados, é a disciplina (ou a falta dela), citada no primeiro sentido pelo autor, a que mais preocupa os educadores.

Como o tema é bastante explorado, outros teóricos poderiam ser citados, mas a conclusão à qual se chegaria seria sempre a mesma, de que, independentemente da concepção de disciplina de cada um deles, o certo é que, como afirma Vasconcellos (2009, p. 25): “a disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais ou coletivos”. Conclui-se, então que, no ambiente escolar, onde se faz necessário um clima favorável para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, a disciplina torna-se uma exigência para o aprendiz.

1.2 Indisciplina Escolar

Uma sala indisciplinada pode ser descrita como aquela onde os alunos sentam de qualquer jeito, colocando as pernas nas cadeiras, jogam bolinhas de papel, ouvem música com seus fones de ouvido, brincam com celulares, *tablets*, passam a maior parte do tempo virados para trás, conversando com os colegas, enfim. Tudo isso enquanto o professor está “tentando” dar aula.

No entanto, uma sala onde todos os alunos estão em silêncio não quer dizer que seja uma sala disciplinada, mas pode ser sinal de que aqueles alunos estão

adaptados ao esquema da escola ou estão apáticos perante a aula e as atividades propostas.

O estudo da indisciplina na aula requer muita pesquisa, pois a indisciplina escolar pode estar ligada a diversas causas, tanto intrínsecas à escola, quanto externas a ela.

Segundo Parrat-Dayán (2008, p. 3-4)

A indisciplina na escola pode expressar, na realidade, alguma coisa para além do desejo de perturbar ou ser indisciplinado. Às vezes, ela representa a dificuldade do aluno para ser reconhecido; outras é a expressão dos maus-tratos que recebe ou dos problemas familiares. Também pode ser expressão da crise econômica, das dívidas, do desemprego, dos pequenos espaços que, por desgracia, muitos têm por moradia. A violência que se produz dentro da escola é o reflexo do que acontece na sociedade. Seja a violência social, como resultado do desemprego; do aumento da corrupção, da impunidade e da insegurança crescente; seja a violência familiar, que se manifesta no abandono, na separação, nos maus-tratos verbais e/ou físicos, na falta de espaço e, portanto, falta de intimidade; seja a violência midiática, que aparece nos seriados, filmes, novelas, *games* e notícias.

Pode ser que um aluno indisciplinado esteja apenas chamando a atenção por não ter essa atenção em casa. Alguns alunos têm pouco contato com os pais, falta-lhe carinho, compreensão, limites e, em alguns casos, têm que cuidar da casa e dos irmãos menores. A escola, então, passa a ser seu lugar de diversão e distração.

São vários os fatores que desencadeiam um clima de indisciplina na sala de aula. Além dos já citados, temos, hoje, uma inversão de valores, de forma que a educação não tem lugar prioritário nas famílias. Os valores de hoje são prestígio, fama, *status* financeiro.

Pedro-Silva (2014, p. 31) cita que

Teoricamente, os defensores dessa vida sem valores morais se fundamentaram nos primeiros estudos freudianos sobre o papel da repressão social na produção de neuroses. A premissa básica – defendida e divulgada – era a de que qualquer forma de limite impediria a concretização plena da vida, além de levar à produção de neuroses (doenças nervosas ou “doenças dos nervos”).

Muitos pais, baseados nesses estudos freudianos, começaram a dar uma vida sem limites para os filhos, ou concedendo-lhes “aquilo que eu não tive quando

criança”. Assim, o que vemos nas escolas são pequenos tiranos, que não obedecem as regras e não têm limites.

Segundo Pedro-Silva (2014), a indisciplina passou a ser considerada como uma doença, chamada hiperatividade.

A esse respeito Parrat-Dayana (2008, p. 6) destaca: “então, prescreve-se ritalina para todos. A indisciplina vira problema para especialistas, médicos ou psicólogos, e deixa de ser um problema que concerne ao professor e aos pais”.

O professor deve estar atento e estudar sobre os transtornos do déficit de atenção com hiperatividade para ajudar o aluno e os pais, mas com muito cuidado porque, afinal de contas, ele não é médico, nem psicólogo.

De acordo com Volpato (2010, p. 27), “todas as vezes que tratamos de indisciplina, o foco está voltado para os alunos. Não consideramos as infrações cometidas pelos educadores como atos indisciplinados”.

A indisciplina escolar está sempre dirigida ao aluno. Nunca se leva em conta que um professor despreparado, estressado, que não cumpre regras e horários também contribui para instalar a desordem em sala de aula.

Segundo Antunes (2015, p. 19), “a indisciplina quase sempre emana de três focos: a escola e sua estrutura, o professor e a sua conduta e o aluno e sua bagunça”.

Assim, uma escola onde o aluno não tem espaço para expor suas ideias, onde não se trabalha com projetos interessantes para o aluno, em que as questões disciplinares são apenas para punir e excluir, enfim, onde não há uma gestão democrática de fato, é uma escola fadada à indisciplina.

Para Antunes (2015, p. 9-10), uma turma indisciplina é aquela que:

- não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno;
- não ofereça condições para que os professores possam “acordar” em seus alunos sua potencialidade como elemento de autorrealização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania;
- não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias, ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos.

Culpa-se muito o aluno pela indisciplina escolar e ele é, na maioria das vezes, o responsável pelo mau andamento da aula. Acontece que, como citado pelo autor,

existem professores que não estimulam seus alunos, suas potencialidades, não o veem como cidadão, mas apenas como alguém que “está sentado ali” e ao qual ele deve cumprir todo o conteúdo programático. Agindo assim, é um professor que está incitando a turma à indisciplina.

Para que a turma seja disciplinada e, em consequência, se dê o processo de ensino-aprendizagem, torna-se necessário que ambos, professor e aluno, se descubram como inseparáveis nesse processo.

Todavia, nem sempre esse processo acontece e aparecem os casos graves de indisciplina e até de violência na escola. Muitas vezes, é necessário tomar medidas mais firmes, dependendo do caso, pois se trata de uma forma de inadequação à escola e às suas normas. Nesse sentido, segundo Antunes (2015, p. 60):

Existem alunos cuja grosseria, insolência, atitudes desafiadoras e agressividade resistem e ultrapassam o limite de uma conduta serena por parte do professor e estes casos exigem a necessidade de uma intervenção especial, e, em consenso com seus pais quando possível necessitam ser encaminhados a outros profissionais especializados ou, pior ainda, percebendo que o limite desses problemas ultrapassa a característica da linha educacional da escola, não existe outra alternativa que sugerir sua transferência.

A escola somente precisa ter cuidado ao impor certas sanções, pois, para alguns alunos, elas funcionam como prêmio. Ser “convidado” a sair da sala é, muitas vezes, ótimo para o aluno, porque ele ficará na quadra de esportes ou andando a esmo pela escola. Ser suspenso das aulas por três dias, às vezes é tudo o que o discente quer, pois ele ficará longe das atividades consideradas enfadonhas e fará outras de seu interesse.

Enfim, sala disciplinada não é a sala silenciosa, mas a que promove o debate, que faz os alunos pensarem e falarem, com ordem e respeito, sabendo se comportar. Para Parrat-Dayán (2008), o professor tem novas funções, como estimular os alunos para o debate e a autonomia.

Sobre o “saber se comportar”, Vasconcellos (2009, p. 92) diz que ele “aplica-se não só ao aluno, mas a todos – portanto, também ao professor, aos funcionários, à equipe de direção, aos pais, etc.”.

A disciplina escolar está ligada, portanto, a todos os que fazem Educação, porque ela está relacionada a valores morais, de comportamento, de autogoverno etc. e a esses valores todos estão submetidos.

De acordo com Parrat-Dayan (2008, p. 59)

É apenas em uma escola democrática que se pode prevenir e remediar os problemas da indisciplina. A escola democrática pressupõe cooperação e respeito mútuo entre alunos, professores, autoridades escolares e pais.

A construção de uma escola democrática não é fácil, pois essa é uma realidade nova, mas muitas estão “no caminho certo” e têm conseguido bons resultados. Uma escola que prepara seus alunos para a vida, em parceria com a comunidade, dando-lhes autonomia e não apenas preparando para cursos e concursos, tem obtido bons resultados na formação de seus alunos e na diminuição de casos de indisciplina e violência.

1.3 O Professor Hoje

Parrat-Dayan descreve bem o anseio do professor nos dias atuais:

O que quer saber um professor? Quer saber como prevenir a indisciplina dentro da aula e, também de que maneira ser mediador entre conhecimento e indisciplina, estimulando o conhecimento e eliminando a indisciplina. Mas lembrando também que o aluno tem necessidade de se movimentar, perguntar e argumentar com o professor e seus companheiros, porque é dessa forma que o conhecimento se constrói. (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 55-56)

O que o professor enfrenta, hoje, na sala de aula, é retratado em uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE): “no Brasil o professor perde 20% do tempo de aula acalmando os alunos e colocando a classe em ordem para poder ensinar”. (GLOBO, 2015, p.1).

Essa mesma pesquisa aponta que o Brasil ocupa o primeiro lugar na intimidação verbal de professores, sendo que 12,5% reclamam de já terem sido intimidados.

De acordo com essas informações e da pergunta iminente feita no início deste tópico, pode-se perceber que muitos professores estão sem saber que rumo tomar. Alguns, diante da desesperança, têm abandonado a profissão ou adoecendo.

Segundo La Taille (1994, p. 10)

Muitos têm medo de entrar na sala de aula, não apenas por temerem não ter êxito na tarefa de ensinar, mas, sobretudo, por não saberem se receberão tratamento digno por parte de seus alunos. A indisciplina é frequentemente sentida como humilhante.

Dessa forma, o que mais angustia o professor nos dias atuais é a falta de respeito dos alunos, que não o respeitam, nem os seus próprios colegas; bem como não têm limites e desrespeitam as normas. Outro fator angustiante é não conseguir ensinar, pôr em prática seu plano de aula, por falta de interesse dos alunos.

Em 1964 aconteceu um golpe de Estado que depôs o presidente João Goulart, golpe este, de caráter burguês. A partir daí os militares se instalaram no governo, de forma violenta, repressiva e duradoura.(GERMANO,1990)

A ditadura militar teve seu fim em 1985, a partir do clamor da sociedade por eleições diretas, onde foi eleito o presidente Tancredo Neves.

Sobre as intenções do Estado brasileiro diante da Educação, Germano (1990, p. 143) nos afirma que:

O seu interesse se manifesta, primeiramente, através da repressão a professores e alunos “indesejáveis” ao Regime através do controle político e ideológico do ensino, visando a eliminação do exercício da crítica social e política, com vistas a obter adesão de segmentos sociais cada vez mais amplos para o seu projeto de dominação.

É comum ouvir que a escola antigamente era melhor. Havia respeito, os alunos ficavam de pé quando o diretor entrava na sala, sentavam-se em fileiras, às vezes os meninos eram separados das meninas, o uso do uniforme era obrigatório. Porém, a sala de aula era o espaço onde o professor agia como um déspota, tirano, que humilhava os alunos, colocava chapéu de burro, de castigo atrás da porta, infligia castigos físicos.

Essa escola, definitivamente, não era melhor. A escola era excludente, muitas eram dirigidas por religiosos e a escola pública não era para os pobres, porque esses, muitas vezes, não tinham acesso à escola e, quando tinham, dificilmente passavam no “exame de admissão” e não tinham como continuar os estudos. Era uma escola que refletia o regime militar da época, que não era feita para ensinar a pensar e o professor era o produto desse regime.

Com a abertura democrática, as coisas foram se modificando, o aluno podia falar sobre o que estava pensando e a escola ensinava isso. O professor estimulava o debate. Aumentou, também, a liberalidade nas famílias.

Ouve-se muitos professores culparem as famílias pela indisciplina e fracasso escolar de seus filhos, porque, antigamente, os pais tinham mais domínio sobre os filhos. Antigamente, os pais não trabalhavam tanto e, na maioria das vezes, a mãe não precisava trabalhar fora para ajudar no sustento da casa.

Sobre esse raciocínio dos professores, Pedro-Silva (2014, p.157-159) afirma que:

De uns tempos pra cá, os referidos profissionais estão deixando de atribuir à criança seu fracasso escolar e passando, no seu lugar, a acusar a família. [...] Não se pode esquecer que ela, como qualquer outra instituição societária é vítima das condições objetivas de vida. [...] É também não levar em conta que a função da escola é a de contribuir para o pleno desenvolvimento da personalidade do educando. [...] É importante salientar, ainda, que o *neoliberalismo* incita o desenvolvimento de situações extremamente perversas. Os pais que trabalham fora sentem-se, por exemplo, culpados por não dedicarem o tempo julgado necessário para educar seus filhos. A decorrência é que, nos poucos momentos de convívio, eles acabam se mostrando incapazes de colocar limites à sua prole. [...] Além disso, não se pode esquecer que a criança fica mais de 12 horas sob o controle da babá eletrônica, a televisão.

Outros professores tendem a colocar a culpa da indisciplina nos meios de comunicação de massa. É verdade que, em muitos casos, a televisão ocupa o lugar dos pais na educação das crianças e adolescentes.

Por seu turno, alunos e comunidade em geral culpam os professores por não oferecerem aulas atrativas, com recursos tecnológicos, pois a televisão e a *internet* são mais interessantes. Muitos alegam que a escola está ultrapassada e é por isso que surge indisciplina na sala de aula, ou, ainda, que a solução seria utilizar os recursos midiáticos nas aulas. Acontece que, segundo Parrat-Dayana (2008, p. 21-22), “o professor não é um animador de plateia e o aluno não é um espectador que escuta, mas um sujeito ativo, corresponsável e associado no contrato pedagógico”.

Sobre a evolução da concepção do professor na literatura pedagógica nos diz Parrat-Dayana (2008, p. 11-12):

Segundo Lessard e Tardif, o trabalho do educador passou por três etapas: na primeira, é visto como uma vocação e há uma insistência nas qualidades morais e no saber das diferentes disciplinas; na segunda, passa a ser um ofício, implicando saberes e técnicas

apropriadas e, finalmente, na terceira, é descrito como a profissão que repousa na capacidade de juízo reflexivo de alto nível.

Em escolas onde há muita indisciplina, onde o professor não tem autonomia e a equipe gestora não intermedia os conflitos, o professor tenta se defender e, nesse cenário, passa a exercer um ofício, e não uma profissão. Nesses estabelecimentos, o professor, muitas vezes, não consegue estabelecer a ordem na sua sala e muito menos desenvolver o conteúdo. Na sua tentativa de sobrevivência, pode chegar a ser arrogante ou indiferente com os alunos.

Alguns docentes são lembrados pelas agressões verbais e até físicas, assédio moral e podem causar sérios prejuízos emocionais aos alunos. Mas, para ser um bom professor, é preciso percorrer uma longa jornada. É necessário que, além de deter os conhecimentos e habilidades específicos inerentes à profissão, ele deve ter uma capacidade de estabelecer relações de proximidade, de empatia.

Há casos em que o professor necessita ensinar habilidades que as crianças deveriam aprender em casa, como amarrar os sapatos ou usar um talher. Muitas vezes deve se esquecer de seus próprios problemas para ouvir os problemas dos alunos e tentar ajudá-los. Deve manter a calma, quando está a “ponto de explodir”. Ser firme, mas cortês. E, acima de tudo, não descuidar da sua formação profissional. Ser um bom professor não é uma tarefa fácil, mas é esse que marca a vida de um aluno para sempre.

1.4 Estabelecendo Limites

As crianças e os adolescentes devem ser incentivados a descobrir e testar novas coisas, pois é assim que se dá o conhecimento e o desenvolvimento do ser humano. No entanto, eles necessitam de limites, que são impostos pelos pais e educadores para que eles saibam até onde podem explorar o meio em que vivem, para que tenham noção de respeito ao espaço do outro e ao outro como ser humano e também para que se sintam seguros.

De acordo com Vasconcellos (2009, p. 30):

Não temos dúvida da necessidade dos limites, uma vez que, na gênese da civilização, encontramos a interdição (Freud); porém, não se faz civilização sem desejo, sem iniciativa, sem liberdade, sem espontaneidade, sem explorar as possibilidades, tendo em vista a conquista de determinados objetivos. Limites, sem a criação de

vínculos, sem um projeto comum, carecem de sentido, não têm efeito educativo (já que não há nada a perder) e acabam levando a educação novamente para o caminho do autoritarismo, e não da autonomia.

O professor deve, então, ao propor determinada atividade, fazer com que os alunos se interessem por ela, mas lembrando-os que a aquisição do conhecimento é tarefa árdua, que necessita de empenho e esforço. Muitas vezes, a indisciplina ocorre porque o aluno não entende o porquê de se estar estudando determinado assunto, ou então porque o assunto está aquém ou além do seu entendimento. É necessário que, além dos vínculos afetivos, o professor crie vínculos com a disciplina que leciona.

Outro cuidado que o docente deve ter é o de não criar limites excessivos ou muito permissivos, pois isso não educa e é um fator que pode levar à indisciplina. Existem professores muito autoritários e outros muito permissivos. Sobre isso, Freire (2000, p. 99) afirma que “o autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade”.

De acordo com Vasconcellos (2009, p. 121), “os sujeitos em formação precisam da autoridade, seja para se orientarem, seja para se oporem, no processo de constituição de sua personalidade”.

Uma forma de se estabelecer limites na sala de aula e exercer autoridade seria elaborando uma espécie de “contrato” entre professores e alunos, com objetivos, regras de participação e punição. Isso porque, em alguns casos, o professor cai no erro de pensar que as regras já estão definidas ou não quer criá-las para não se tornar mal visto pela turma.

Na criação desse contrato, professor e aluno aprenderão a abrir mão de certas prerrogativas e, principalmente os alunos, que são sujeitos em formação, verão que a construção da democracia é tarefa árdua. Esse trabalho só dará certo se o professor aprender a se controlar na frente dos alunos nos momentos de estresse. Se ele não atrasa sua entrada na sala, não falta sem dar explicações à turma, afinal de contas, quando um aluno falta, muitas vezes precisa se justificar ao professor. Essas regras devem estar claras no “contrato de trabalho”, assim como outras referentes a estudo, tarefas, utilização de celulares, maneiras de dispor as carteiras, não fumar, não namorar na sala, não entrar atrasado etc., de acordo com

a necessidade e idade da turma, porque mesmo os alunos adultos também necessitam que se construam regras de trabalho com eles.

Se essas regras não forem claras, detalhadas e explicadas para os alunos desde os primeiros dias de aula, eles criarão suas próprias regras, suas estratégias de sobrevivência que poderão resultar na desobediência, gerando indisciplina, podendo chegar até a violência.

Segundo Antunes (2015, p. 25), “ensinar não é fácil e educar é mais difícil ainda; mas não ensina e não educa quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Dessa maneira, o professor não pode acreditar que o aluno sabe tudo e, independentemente de sua idade, é necessário construir coletivamente as regras de trabalho com ele e sempre cobrá-las. A todo tempo o aluno testará o professor para saber se ele cumpre o estabelecido ou se ele é do tipo que “ameaça, mas não faz nada”.

Para Carvalho (1994, p. 137):

Àquele que ensina cabe iniciar o aprendiz nas regras, cânones, procedimentos, nos *modi operandi* de uma área de conhecimento, de um certo saber. E ele frequentemente o faz com exposições, demonstrações, situações modelares e exercícios limitados em número e variedade, mas cuja repetição e observância metódica – em seu sentido de uma prática social – levam o aluno a adquirir uma capacidade ilimitada, ou pelo menos mais ampla, de contrapor aos novos problemas as suas próprias soluções. Se esse for o caso, o professor transmitiu-lhe um *método de trabalho*. [...] Assim, ao dar regras e transmitir uma disciplina, o professor não impede o aluno de criar; ao contrário, possibilita a criação.

Considerando a disciplina como prática social em sala de aula, nem sempre ela quer dizer bom comportamento. Em uma aula expositiva, por exemplo, é necessário silêncio, mas em uma aula em que é necessária troca de ideias, como uma aula de Ciências ou Matemática, isso não é possível. Portanto, os limites para cada aula devem ser estabelecidos e ajustados frequentemente, de acordo com a necessidade.

1.5 A Intermediação do Coordenador Pedagógico

O coordenador pedagógico é, antes de qualquer coisa, um professor. Muitas vezes, sua função na escola é confundida com a de um “faz tudo”, “apagador de incêndios”. Mas a função primeira do coordenador pedagógico é a de formação dos professores.

Segundo André e Vieira (2006, p. 23):

[...] pensamos que ter clareza do papel de articulador do projeto político pedagógico da escola, num processo contínuo de formação de professores, é de fundamental importância para que o coordenador não se perca nas emergências e nas rotinas do dia-a-dia escolar.

O coordenador pedagógico deve ser aquela pessoa que tem, por principal característica, saber ouvir. Outra característica é não ter medo de mudanças, pois a educação não é estática e, a todo o momento, surgem normas, decretos, regulamentos, sem contar os imprevistos do dia a dia. É no espaço da coordenação pedagógica que os professores se sentem acolhidos, é onde podem partilhar suas dúvidas, suas dificuldades, seus anseios, suas experiências bem-sucedidas, seus projetos. Por isso, o coordenador pedagógico deve ser alguém que inspire confiança ao grupo.

Vasconcellos (2009, p. 178) afirma que:

Esse espaço é fundamental para a construção da disciplina na escola, na medida em que possibilita a efetivação de uma linha comum de atuação, a interação ética, o estabelecimento e a revisão de normas da escola, a avaliação das formas de intervenção dos colegas e na resolução de conflitos, confrontando com os valores assumidos coletivamente, a troca de experiências, a diminuição da ansiedade ou da culpa do docente (por achar que o problema é só seu), a discussão dos dilemas disciplinares, a reflexão sobre os incidentes críticos e a busca da solução coletiva de problemas.

Geralmente, os casos de indisciplina, quando não resolvidos em sala de aula, chegam primeiramente às mãos do coordenador. Dependendo da escola, as medidas tomadas são advertências, transferências nos casos mais graves, suspensão, convocação da família para ir à escola. Essas medidas não educam, não modificam o comportamento do aluno e o professor continua angustiado, sem saber como proceder em alguns casos.

Souza e Placco (2006) citam que uma das responsabilidades do coordenador como mobilizador do processo educativo na escola é o de promover espaços para a construção de relações baseadas em valores positivos. Para Pedro-Silva (2014), a formação do educador pode contribuir para a diminuição da indisciplina na escola.

Em algumas escolas, onde os professores já possuem muitos anos de magistério, pode ser difícil a inserção do coordenador como agente de formação. Existem professores que, infelizmente, pensam que não precisam mais investir na sua formação profissional e isso é muito triste, porque se vê que eles, muitas vezes, não têm interesse em se atualizar e estão sempre a ministrar o mesmo tipo de aula.

A função principal do coordenador é acompanhar o professor na sua formação continuada, que é um aperfeiçoamento profissional que se dá de forma contínua, não tem fim. O professor pode fazer cursos a distância ou oferecidos pela Secretaria de Educação, nos dias de coordenação, cursos oferecidos por faculdades públicas ou privadas, estudos pela *internet*, leitura de livros, artigos etc.

Segundo Geglio (2008, p.117):

Os momentos de atuação do coordenador pedagógico como agente da transformação continuada do professor em serviço são aqueles em que ele se reúne com o conjunto dos docentes da instituição escolar para discutir questões e problemas pedagógicos, isto é, pertinentes à sala de aula, ao conteúdo de ensino, ao desempenho dos educandos e ao relacionamento com os alunos. Nessa condição, ele assume o papel de mediador, de interlocutor, de propositor, de investigador do grupo e com o grupo. Essa dinâmica se efetiva nos momentos destinados aos encontros coletivos com os professores.

Há que se ter o cuidado para que as coordenações pedagógicas não se tornem um espaço para informes administrativos e que se deixe claro que a formação pedagógica não se resume a estudo e discussão de textos.

Vasconcellos (2009) alerta que o espaço da coordenação deve ser bem ocupado, ou seja, utilizado para atender as necessidades do grupo, levando em conta o projeto político-pedagógico da escola. Ele ainda cita que o professor deve ser estimulado a falar, pois, quando o encontro é participativo, ele tem mais significado; e que, nas coordenações, é importante valorizar as práticas positivas, as iniciativas, pois isso resgata a autoestima do professor.

Alguns professores têm maior domínio da disciplina em suas aulas que outros. Essas experiências podem ser compartilhadas no espaço da coordenação,

mas não aleatoriamente. O coordenador deve fazer todo um estudo sobre disciplina, indisciplina, violência, autoridade, autoritarismo, rever o projeto político-pedagógico da escola, antes dos casos serem partilhados.

De acordo com Souza e Placco (2006, p. 36):

É preciso que se invista na construção da autoridade [...] isso implica investir na formação de valores como o respeito, a responsabilidade, a admiração e a autonomia.

Os autores acrescentam que:

(...) o coordenador pedagógico é o profissional, dentro da escola, que pode tomar para si a tarefa de desenvolver processos que viabilizem essa construção e essa formação. Ele pode ser o mediador desse processo, aquele que o propõe, o coordena, mas não é o responsável único por ele, o que deve ser assumido por toda a equipe da escola.[...] a construção da autoridade e a formação de valores passa pela discussão do projeto político pedagógico da escola, em que a formação de valores e as ações necessárias para ela constituam propostas focadas também na identificação das relações pedagógicas e de autoridade que a escola precisaria construir, a partir do pressuposto da compreensão e do respeito pelo outro e seus valores. (SOUZA; PLACCO, 2006, p. 36-38).

Para atuar nos casos de indisciplina, o coordenador pedagógico, por estar fora da sala de aula, tem uma visão do todo, de toda a escola. Além das suas muitas atribuições, ele deve ser um líder entre os professores e, ao mesmo tempo, tentar se aproximar dos alunos, conhecê-los e deixar-se a conhecer. Os alunos, principalmente os adolescentes, devem sentir confiança no coordenador e perceber que ele não é um membro da equipe que está na escola para punir, mas para auxiliá-los na solução de conflitos.

Franco alerta que é necessário que o coordenador pedagógico:

[...] encaminhe as discussões pautadas no respeito mútuo entre as pessoas, abrindo espaço para que as divergências se manifestem, sim, mas primando para que sejam explicitadas e resolvidas de maneira ética, orientando o debate, como líder que é, para que os conflitos não caiam no campo pessoal e no desrespeito. (FRANCO, 2006, p.76)

Por sua função de líder junto aos docentes, o coordenador pedagógico pode ajudar a equipe a discutir sobre a indisciplina no ambiente escolar e, juntos, traçarem estratégias para minimizar o problema, uma vez que a indisciplina é um

fenômeno que sempre existiu nas escolas e não terá fim. Assim, o que se pode é, com um projeto político-pedagógico inclusivo, tentar ao menos reduzi-la na escola.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Pesquisar é buscar a solução para um problema. De acordo com Gil (2002, p. 17), a pesquisa é definida como sendo um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Essa pesquisa baseia-se em um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, no qual será realizado um estudo de caso com uma turma de 9º ano. Para tanto, foi feita uma coleta de dados por meio da aplicação de questionários.

Acerca da pesquisa qualitativa, Goldenberg (1997, p. 34) afirma que ela:

[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. [...] Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Para Bauer e Gaskell (2002, p.22-23), “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais e tem como objetivo a compreensão do presente, às vezes, predizer futuras trajetórias”.

De acordo com Minayo (1993, p.21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa preocupa-se mais ao estudo dos sujeitos, as suas opiniões, suas falas. No caso desta pesquisa, deseja-se saber a opinião e o que pensam os estudantes, professores, coordenadores e equipe gestora sobre a indisciplina escolar.

Apesar de não trabalhar com números, ela pode ser quantificada, dependendo da forma como os dados foram coletados, como no caso de alguns tipos de questionários.

Quanto aos objetivos deste estudo, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, que, de acordo com Gil (2002, p. 41-42)

Estas pesquisas [exploratórias] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. [...] As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

Assim sendo, essa pesquisa objetiva compreender as causas da indisciplina escolar numa turma que, a princípio, pensa-se ter as mesmas características comportamentais, mas que se deseja confirmar esse fenômeno e, possivelmente, descobrir soluções, fornecendo dados para que o coordenador pedagógico possa intervir na diminuição da indisciplina na escola.

Esse estudo configura-se como uma pesquisa de campo, que, para Ciribelli (2003, p. 55)

[...] baseia-se na observação dos fatos como eles ocorrem na realidade e os dados que coleta, que podem ser obtidos de diferentes formas [...] Neste tipo de Pesquisa o pesquisador efetua a coleta dos dados 'em campo', isto é, diretamente no local onde ocorrem os fatos ou fenômenos através da observação direta, do levantamento etc.

2.1 O Campo da Pesquisa

O campo onde foram coletados os dados foi uma escola de Taguatinga Sul, em Brasília – DF. É uma escola muito antiga, que nunca passou por reformas. Essa escola foi escolhida porque a pesquisadora é professora dessa escola e já trabalhou com algumas turmas com grandes problemas disciplinares.

A instituição tem gestão democrática, composta por direta e vice-diretora eleitas pela comunidade escolar. Possui uma supervisora pedagógica e uma supervisora administrativa, quatro coordenadores pedagógicos, duas orientadoras educacionais, uma chefe de secretaria e quatro auxiliares na secretaria. Ainda possui quatro vigilantes terceirizados e um porteiro, duas merendeiras e nove zeladores terceirizados.

Há 68 professores, sendo que 21 são readaptados e 11 são professores de contrato temporário. Sendo assim, há cinquenta e oito professores em sala de aula, sendo dois atuantes na sala de recursos e seis que atendem ao ensino especial. Os professores readaptados atendem à biblioteca, ao apoio disciplinar, ao apoio à direção e ao laboratório de informática.

A escola é relativamente grande, possuindo vinte salas de aula, uma sala de recursos, uma sala para atendimento aos alunos com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), quatro banheiros e um banheiro para os alunos com necessidades especiais, dois banheiros para os funcionários, dois bebedouros, uma sala para a direção, uma para apoio administrativo, uma biblioteca, uma meateca, uma sala de vídeo, uma sala de coordenação (para reuniões e formação), uma sala dos professores (para descanso no intervalo, com armários para armazenar os materiais) e um depósito de materiais.

Os recursos materiais disponíveis compõem-se de três DVD, oito televisores, três notebooks e seis datashow.

A escola atende a alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino. Na maioria, a clientela caracteriza-se por não fazer parte da comunidade e, por isso, não estabelece um vínculo mais forte com a escola. Há diversos alunos indisciplinados, que conversam muito durante a aula, “matam” aula e não entram na escola, indo para outros lugares. Além disso, alguns são usuários de drogas e uns poucos são traficantes. Algumas vezes, já houve casos de brigas no exterior da escola e até dentro dela. Há os casos comuns de indisciplina, como jogar bolinhas de papel, usar celular sem permissão do professor, ouvir música no fone de ouvido enquanto o professor explica a disciplina, andar na sala, gritar etc.

Ainda assim, não é uma escola violenta, pois a direção tenta inibir os casos de indisciplina e violência e os professores têm autonomia para atuar em sala de aula. Normalmente, os casos de indisciplina menos graves são advertidos oralmente e recebem uma notificação pedagógica. Os casos mais graves podem ser passíveis de suspensão ou até transferência.

Pelo motivo de a professora pesquisadora conviver com esses casos diariamente e também por ter sido coordenadora pedagógica em outra escola e sentir, muitas vezes, a angústia e o sentimento de impotência dos professores diante dessa realidade, foi realizada essa pesquisa em especial com essa turma.

2.2 Instrumentos de Coleta de Dados

Para conhecer como pensam os estudantes, professores, coordenadores, orientadores e direção da escola, sujeitos dessa pesquisa, foram aplicados questionários.

O questionário, de acordo com Gerhardt et al (2009, p. 69)

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado.

Essa forma de coleta de dados foi escolhida por deixar os sujeitos da pesquisa mais à vontade, uma vez que não teriam contato direto com a professora pesquisadora, visto que muitos dos sujeitos são seus alunos e poderiam ficar inibidos, no caso de uma entrevista, por exemplo. Outros motivos da escolha desse método foram a rapidez na obtenção das respostas e por não haver custos na sua execução.

Segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 58)

Quanto às questões a serem pesquisadas, estas precisam contemplar hipóteses de veracidade. Assim, precisam ser bem formuladas e claras. Por isso é interessante (dependendo da intencionalidade) que o questionário apresente questões diretas e indiretas, fechadas e abertas, objetivas e subjetivas, que permitam respostas por alternativas a escolher e respostas descritivas.

Nessa pesquisa, optou-se por aplicar um questionário fechado com algumas perguntas dicotômicas e outras de múltipla escolha para os alunos, por estes terem um pouco mais de dificuldade em responder perguntas abertas e, também, pela facilidade da posterior análise dos dados. Para os demais sujeitos, os questionários são dos tipos semiabertos, com perguntas fechadas e abertas, pois têm a finalidade de conhecer as opiniões, expectativas e sentimentos daqueles que trabalham diretamente com o aluno.

Algumas questões são parecidas em alguns questionários, pois têm o objetivo de comparar como pensam sujeitos de diferentes segmentos.

3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A indisciplina é um dos principais problemas que afetam a escola pesquisada. A turma onde foi realizado o estudo talvez seja a que apresente maiores problemas de indisciplina, o que tem comprometido seu resultado pedagógico.

A indisciplina escolar tem atingido não só a turma pesquisada, mas também as demais turmas da escola, portanto, a análise dos dados objetiva buscar respostas e contribuições dos participantes envolvidos na pesquisa para tentar entender e buscar possíveis soluções para o problema.

Para tanto, serão analisados e interpretados os dados obtidos por meio de questionários dirigidos aos gestores, professores, coordenadores e alunos de uma determinada turma e seus professores, sem identificação de nenhum dos participantes, por questões de ética na pesquisa.

3.1 Análise dos Resultados dos Gestores

A esse questionário, com sete perguntas, responderam a diretora, a vice-diretora e a supervisora pedagógica.

Ao serem questionadas, as três gestoras (identificadas como G1, G2 e G3) concordam que a indisciplina é, hoje, o que mais atrapalha o desenvolvimento das atividades administrativas e pedagógicas.

De acordo com Vasconcellos (2009, p. 55):

A disciplina tem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar; ultrapassando a vinculação ao tipo de mantenedora (pública, comunitária ou privada) e de localização geográfica (de centro ou de periferia, nas capitais ou no interior, urbanas ou rurais).

Pela resposta das gestoras, esse problema não é diferente nesta escola, sendo seu maior problema vivenciado o aluno sem limites, que não respeita os colegas e os professores e não está aberto ao diálogo.

Ao serem questionadas sobre autoritarismo e permissividade, uma das gestoras se considera autoritária, quando necessário; e as outras duas não se consideram nem autoritárias, nem permissivas.

Souza e Placco (2006, p.27) citam que “[...] a autoridade se contrapõe à coerção física ou à persuasão e se constitui pela hierarquia legitimada pelo reconhecimento da competência de quem a exerce”.

Apesar de ser uma função difícil, na escola pesquisada ela é desenvolvida de acordo com as bases da gestão democrática. É uma escola aberta ao diálogo e à participação da comunidade, mas sem permissividade.

Foi perguntado se existem alunos que portam armas brancas ou de fogo na escola. Duas gestoras disseram que sim, e uma disse desconhecer tal fato.

Também foi perguntado se os alunos fazem uso de drogas lícitas ou ilícitas e as três concordaram que sim.

A escola tenta, na medida do possível, manter todos os alunos estudando, é aberta ao diálogo, promove palestras e projetos pedagógicos. Entretanto, quando existem casos graves de violência, porte de armas e drogas, há intervenção das famílias, Conselho Tutelar e Polícia Militar.

Ao serem questionadas como a escola lida com os casos de indisciplina, as gestoras responderam:

G1: Seguindo o Regimento Escolar e chamando os responsáveis.

G2: Chamando os pais, que por muitas vezes são omissos, aplicando as penalidades cabíveis que estão no Regimento Escolar e por último, o Conselho Tutelar. Em caso de drogas, chamamos a polícia.

G3: Além de uma conversa em que o aluno se autoavalia, trabalhamos o cumprimento de regras e o conhecimento do Regimento Escolar. Em alguns casos, chamamos os responsáveis para assumir sua parceria com a escola. Em último caso, encaminhamos ao Conselho Tutelar, ampliando a parceria.

Como se pode perceber, a escola procura resolver os casos de indisciplina sempre através do diálogo, antes de tomar qualquer outra medida mais enérgica.

Ao serem questionadas como a escola dá liberdade ao aluno, obtiveram-se as seguintes respostas:

G1: Através do diálogo, de palestras educativas e projetos bimestrais.

G2: Os alunos têm todos os direitos quando obedecem e cumprem seus deveres de estudante. São livres para reclamar, exigir quando feito de forma educada, respeitando o ambiente escolar.

G3: Através do diálogo, todos são ouvidos.

A escola pesquisada tem uma abertura democrática. Os alunos sempre são ouvidos, mesmo antes de receberem algum tipo de punição.

Foi perguntado sobre como o coordenador pedagógico poderia auxiliar na intermediação dos conflitos disciplinares. As gestoras responderam da seguinte forma:

G1: Conversando com os alunos e também com a família.

G2: Quando este escuta o aluno e o orienta de forma adequada. Também quando chama os responsáveis para encaminhá-los aos órgãos competentes sobre as pendências particulares de cada um.

G3: Os coordenadores pedagógicos desta escola já o fazem, através de diálogo constante com os alunos.

A mediação dos conflitos escolares, no caso, se dá apenas entre o coordenador e os alunos e, em alguns casos, com a família. Mas é necessário trabalhar as questões de indisciplina durante a formação dos professores, nas coordenações pedagógicas.

3.2 Análise dos Resultados dos Coordenadores

Aos quatro coordenadores da escola (identificados como C1, C2, C3 e C4) foi distribuído um questionário com seis perguntas, que foram tabuladas na forma de gráficos, para uma melhor visualização das respostas.

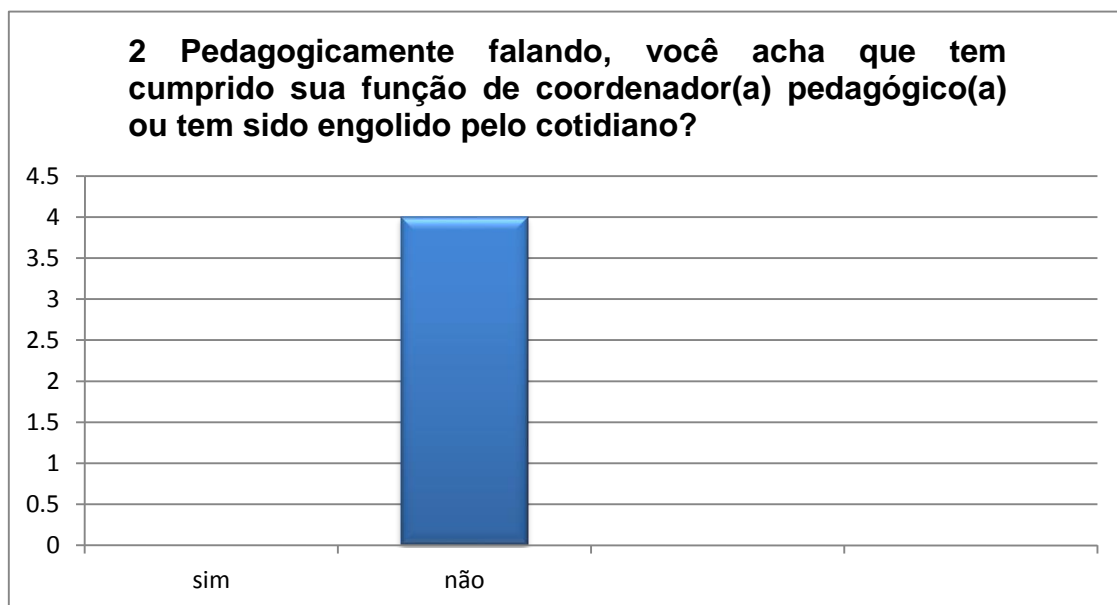


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Pelo gráfico, podemos notar que os coordenadores desta escola têm pouca experiência e que há certa rotatividade no cargo. Uma das razões é porque o coordenador não tem bem definido o seu papel. Placco (2003, p. 47 apud ANDRÉ e VIEIRA, 2006, p. 23) nos diz que:

O cotidiano do coordenador pedagógico ou pedagógico-educacional é marcado por experiências e eventos que o levam, com frequência, a uma atuação desordenada, ansiosa, imediatista e reacional, às vezes até frenética [...].

Dessa maneira, a atribuição principal do coordenador, como formador dos professores, fica deixada em segundo plano e isso, às vezes, causa frustração e abandono do cargo.



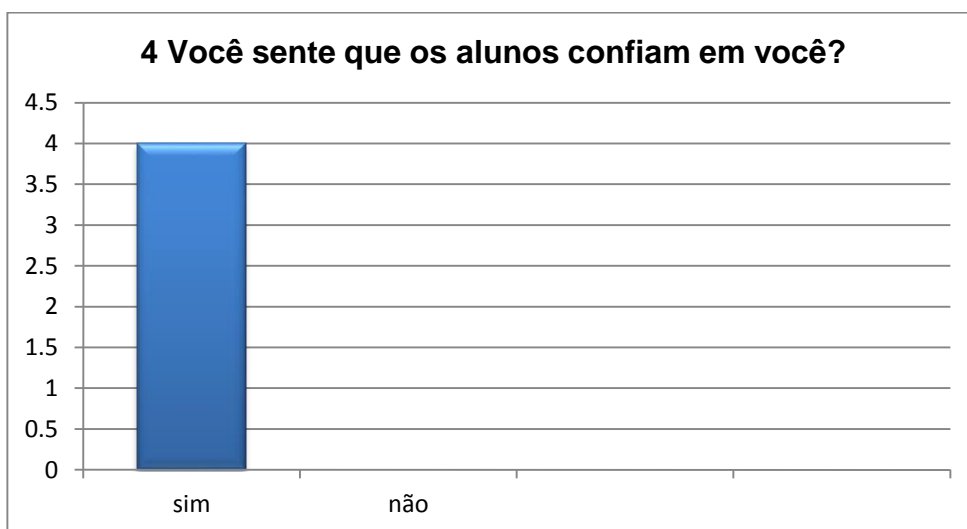
Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

O papel do coordenador é o de formador e articulador entre docentes e discentes com o intuito de aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, porém, esse profissional é tão exigido, em tão diversas funções, que não sobra tempo ao menos para a própria formação.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

A formação de professores não é tarefa, pelo menos primordial, na escola. É necessário que haja um estudo e uma reavaliação dos papéis de cada um dos profissionais que atuam como gestores e que fique registrado no Projeto Político-Pedagógico da escola.

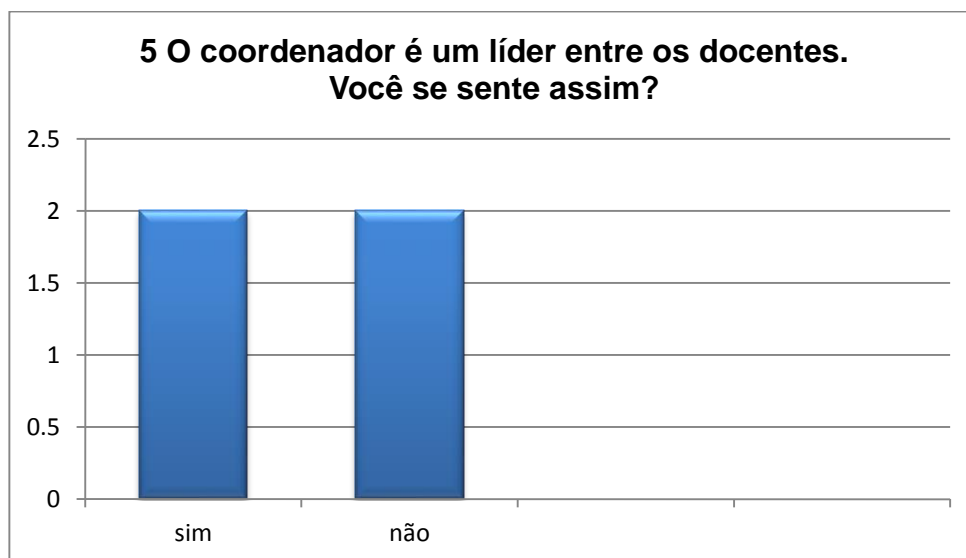


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

O aluno só é capaz de confiar quando estabelece vínculos afetivos. De acordo com Vasconcellos (2009, p. 95), “ter vínculo afetivo significa o sujeito se sentir amado, desejado, querido, incluído, respeitado, valorizado”.

Como todos os coordenadores já atuavam como professores na escola, alguns já há muitos anos, muitos alunos criaram vínculos afetivos com esses

professores/coordenadores e estabeleceram uma relação de proximidade e confiança.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Mais uma vez, alguns coordenadores podem não se sentirem líderes por estarem sendo “engolidos” pelas atividades do cotidiano e sentem que seu trabalho está aquém do esperado.

Perguntado aos coordenadores como eles poderiam contribuir para intermediar os conflitos disciplinares que ocorrem na escola, obteve-se as respostas a seguir:

C1: Posso contribuir para intermediar os conflitos disciplinares que ocorrem na escola, balanceando meus atos educacionais, estabelecendo uma relação de diálogo e amizade com os alunos, aplicando os princípios da ética e, principalmente, acreditando no Projeto Político-Pedagógico da escola.

C2: Estar atento à fala tanto do docente como do discente, ou seja, estar disposto a promover um diálogo entre as partes interessadas no cotidiano da aprendizagem dos alunos. Toda ação se explica como uma reação aos fatos que ocorreram muitas vezes fora do ambiente escolar: relacionamentos familiares, relacionamentos com a comunidade onde mora, relacionamentos com colegas de mesma idade, relacionamentos com autoridades, muitas vezes desequilibradas emocional e eticamente. Um olhar de fora e uma fala com a finalidade de um bom

termo ao final do diálogo, ainda que seja uma ação disciplinar. Chamar a família para uma parceria na tomada de ações disciplinares.

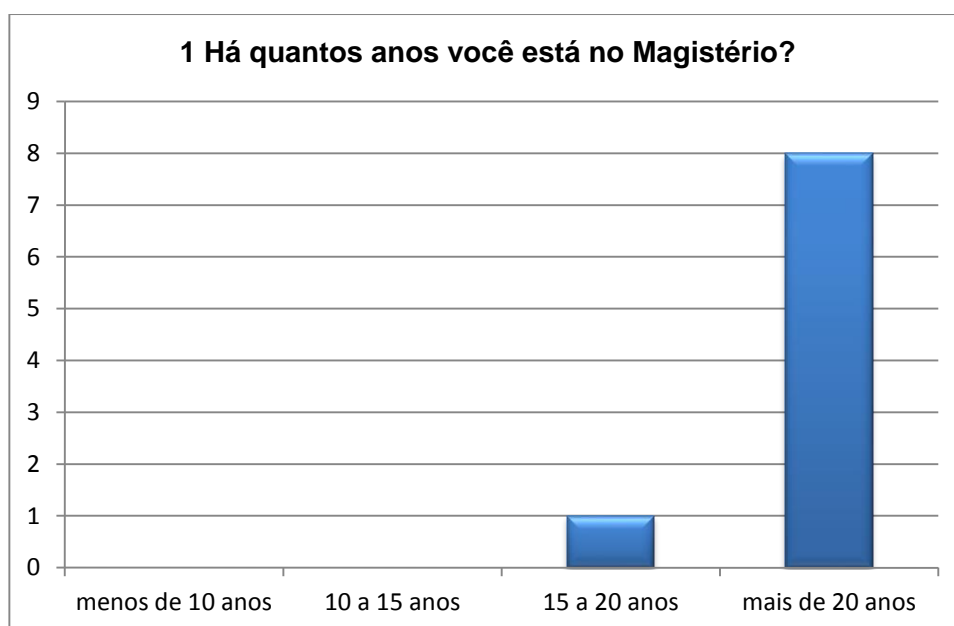
C3: Ter uma maior participação entre escola e família é fundamental nas questões disciplinares.

C4: Mostrando o verdadeiro valor do ensino para que tenha bom aproveitamento.

Pelo exposto pelos coordenadores, pode-se notar que alguns ainda não têm o seu papel bem definido. Nota-se que a intermediação nos casos de indisciplina, na visão dos coordenadores, se refere somente aos alunos. Não se tem uma visão de como trabalhar com o professor. Isso se reflete pelo que foi evidenciado na terceira pergunta, onde a maioria dos coordenadores não participa da formação dos professores, talvez porque essa tarefa seja realizada por outra pessoa.

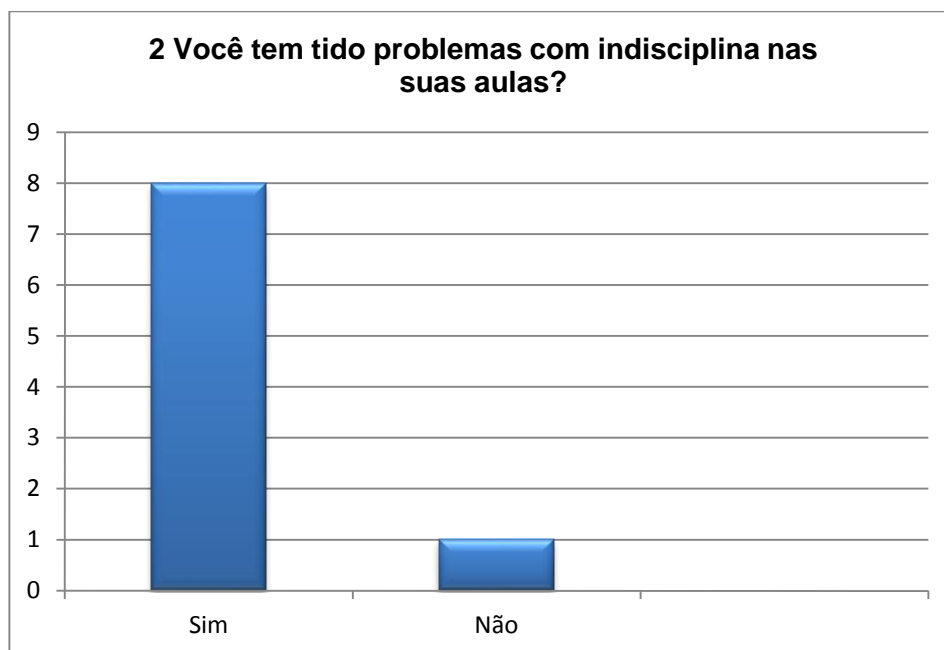
3.3 Análise dos Resultados dos Professores

Para melhor visualização das respostas das onze questões feitas aos professores, por meio de questionário, foram utilizados gráficos. A turma pesquisada possui dez professores, sendo que uma professora é a pesquisadora. Portanto, nove professores responderam ao questionário.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Pelo gráfico acima se pode perceber que os professores da turma pesquisada são professores com grande experiência no Magistério. Ainda assim, através de algumas perguntas do questionário, percebe-se que o problema da indisciplina atinge tanto professores recém-formados, quanto professores que estão próximos da aposentadoria.

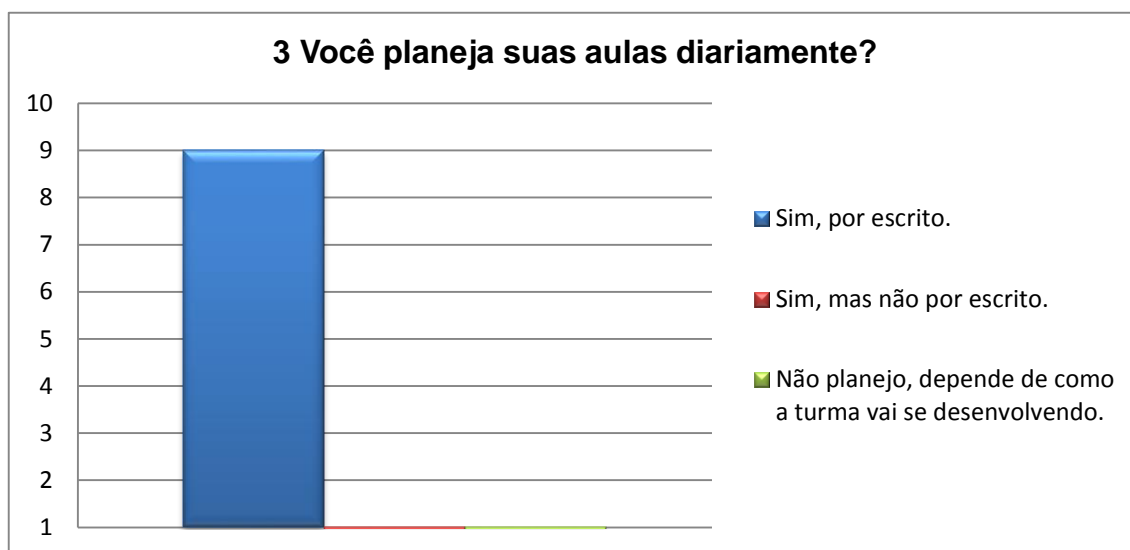


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

De acordo com La Taille (1994, p. 10):

Hoje o cinismo (negação de todo valor e, logo, de qualquer regra) explica melhor os arranjos das salas de aulas. Anteontem, o professor falava a alunos dispostos a aceitar; ontem, a certos alunos (pré-)dispostos a discordar e propor; hoje, tem auditório de surdos.

Talvez isso explique o porquê de professores tão experientes terem problemas com disciplina em suas aulas. Muitos professores reclamam que, às vezes, estão ministrando determinado conteúdo e têm a impressão de que nenhum aluno está prestando atenção. Todos estão brincando, fazendo outras atividades, usando celular, ouvindo música etc. É mesmo o que diz o autor, o professor, muitas vezes, tem um “auditório de surdos”.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Antunes (2015), sobre a responsabilidade do professor perante a disciplina ou a falta dela, questiona se este estrutura sua aula através de um plano de aula. Pode-se perceber que todos os professores planejam suas aulas diariamente, por escrito. Portanto, há um plano de aula e essa não é a razão da indisciplina nesta sala e, consequentemente, nesta escola, porque esse é um procedimento comum à maioria dos professores.



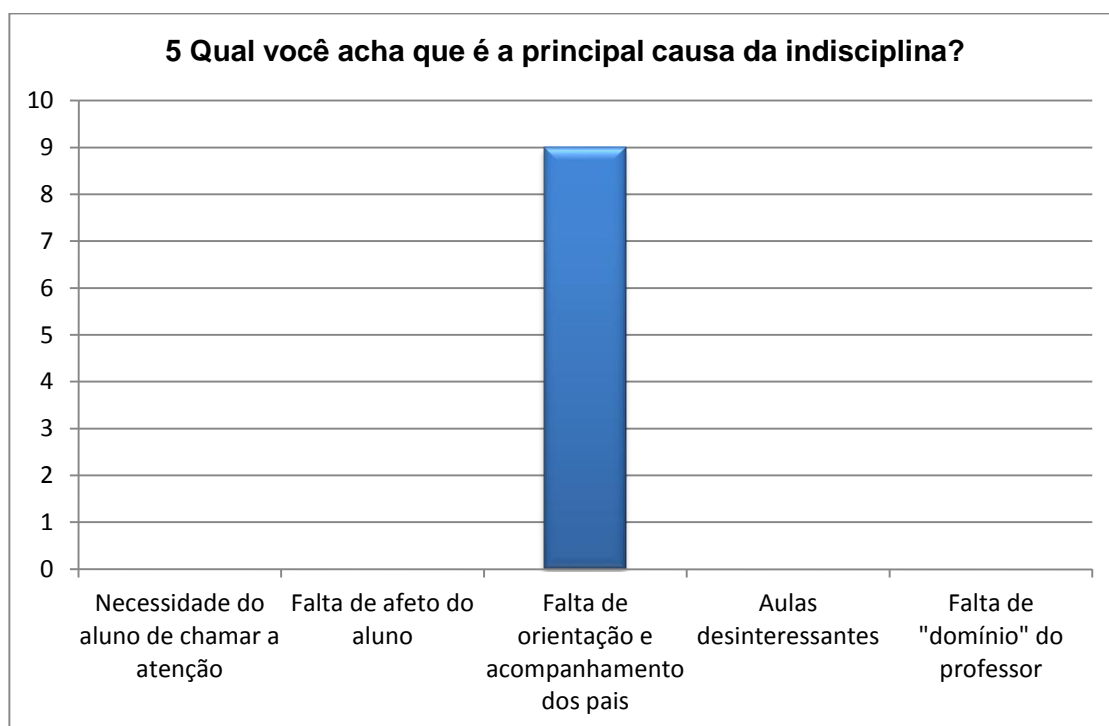
Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Segundo Pedro-Silva (2014, p. 29):

Uma das razões que, sem dúvida, contribuiu para o aumento da *indisciplina* e da violência nas escolas está relacionada ao desaparecimento ou à diminuição da importância dada a certos valores morais [...].

Para Parrat-Dayana (2008, p. 4), “[...] o conceito de disciplina está relacionado com a existência de regras; e o de indisciplina, com a desobediência a essas regras”.

As respostas dos professores são condizentes com o que defendem os autores acima. Como há outras definições para indisciplina, que não foram citadas no questionário, certamente haveria outras respostas.

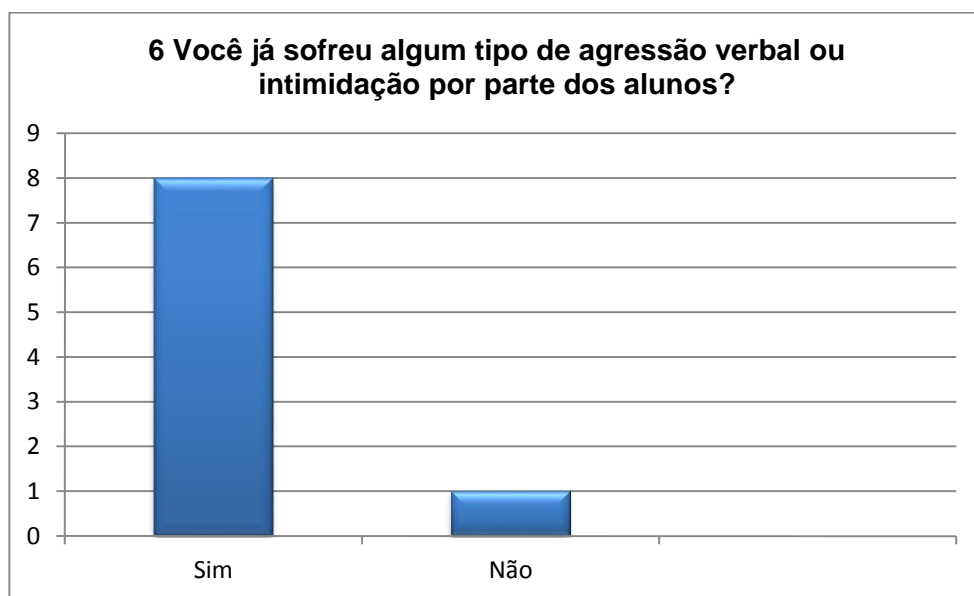


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Pedro-Silva (2014, p.48) salienta que:

[...] depois de gerações de intensa opressão, muitas dessas crianças e adolescentes – agora adultos – começaram a desejar um futuro diferente para seus filhos, um futuro que fosse marcado por paz, amor e a possibilidade de realização de desejos que os próprios pais, quando crianças, não conseguiram realizar. Por essa razão, muitos desses pais dizem ainda hoje: *deixa a criança fazer o que ela quiser. Eu não tive liberdade, mas ela terá. Por causa disso não fui feliz, mas ela será!*

Pode ser que muitos dos alunos dessa escola tenham sido criados da forma como cita o autor. O que se percebe nessa escola é que poucos pais comparecem às reuniões, mesmo para buscar as notas. Alguns não comparecem nem mesmo quando são convocados em casos de indisciplina e excesso de faltas, precisando da intervenção do Conselho Tutelar. Isso mostra o porquê de a totalidade dos professores pesquisados indicarem a falta de orientação e acompanhamento dos pais como uma das maiores causas da indisciplina.

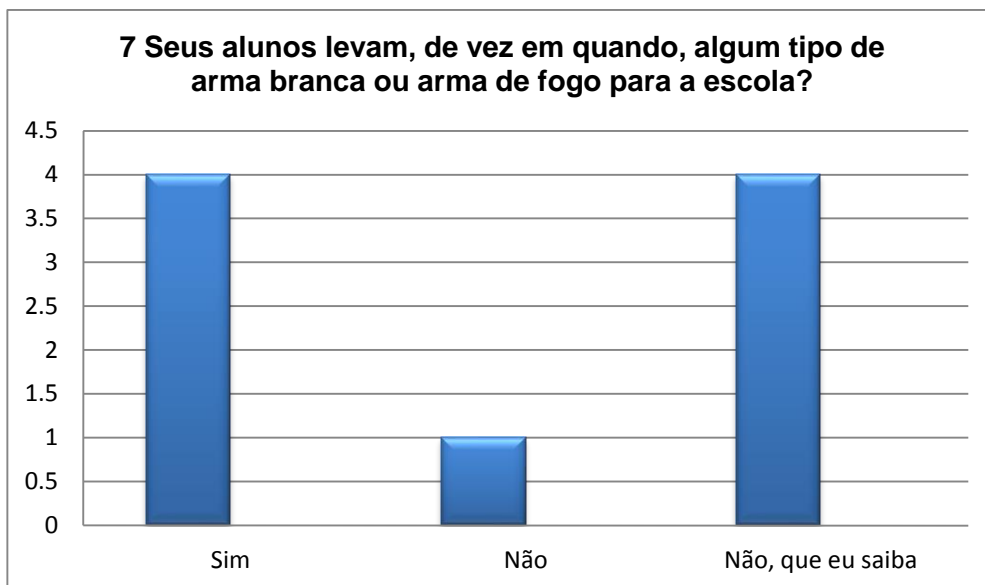


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Segundo Parrat-Dayana (2008, p.12):

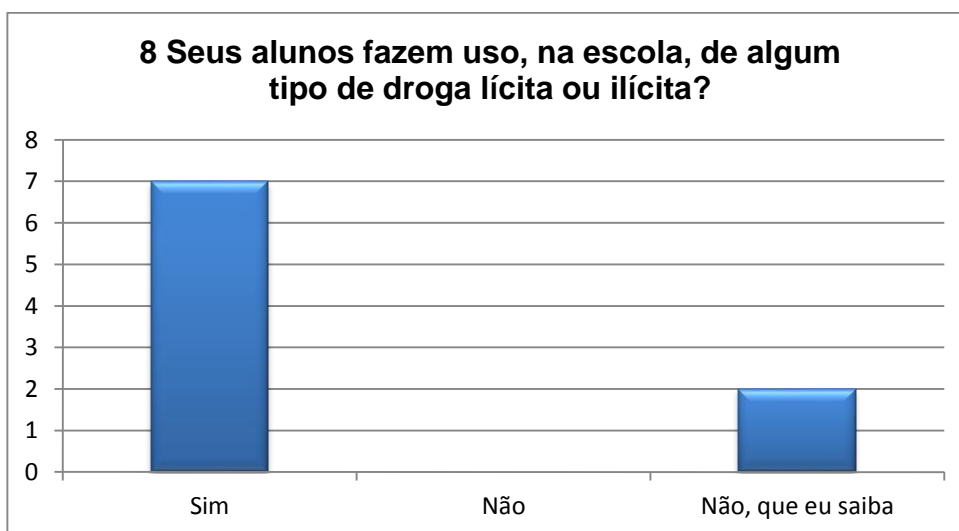
A perda de marcos de referência com relação ao comportamento é uma constante da convivência entre gerações. Porém, a deterioração nas escolas é real. Há mais reclamações dos professores e as agressões verbais e físicas contra eles multiplicam-se.

Como já visto anteriormente, os alunos têm perdido a noção dos valores morais e de comportamento ao longo dos anos. Muitos vivem em um meio violento e transferem essa violência para a escola. Além desses fatores, muitos não reconhecem a autoridade dos pais e, conseqüentemente, não reconhecerão a autoridade do professor. Por esse motivo, agredem o professor quando esse tenta impor limites ou faz reclamações.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

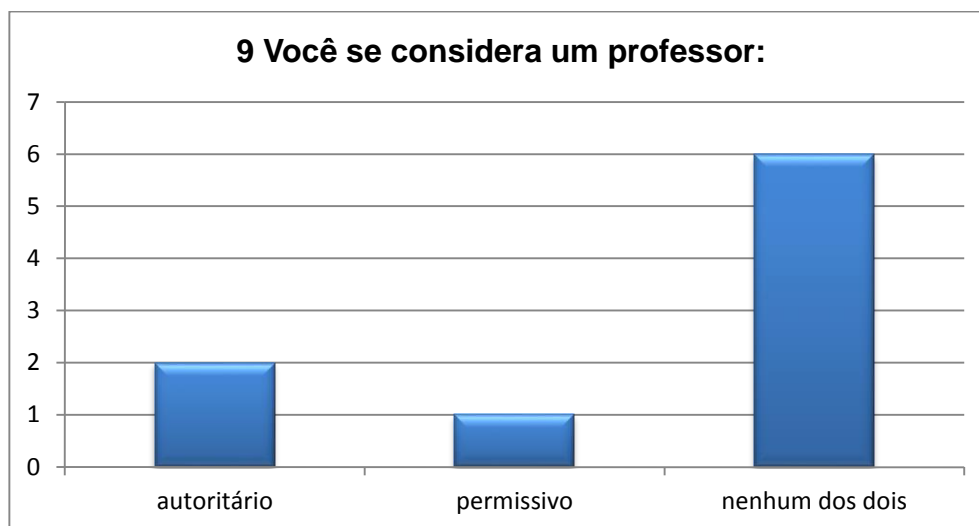
Nem todos os professores têm conhecimento sobre o uso de armas na escola. Algumas vezes o Batalhão Escolar da Polícia Militar já fez rastreamentos nas salas e já encontrou algumas armas brancas. Já houve brigas no exterior da escola, nas quais o aluno portava uma arma branca e foi encaminhado para a Delegacia da Criança e do Adolescente.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Pelo gráfico, pode-se perceber que existem professores que têm conhecimento de alunos que usam drogas na escola ou já chegam drogados. Ainda assim, existem professores que desconhecem essa realidade. Esse é um fator difícil

de combater, porque é tudo feito muito discretamente e o professor e demais membros da comunidade escolar não têm poder de atuação como a polícia.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

De acordo com Vasconcellos (2009, p.119):

Autoridade-liberdade é um par dialético em torno do qual existe muita confusão [...]. 1) Não existe autêntico aprendizado sem liberdade!; 2) A autoridade tem importante papel na educação.

Pode ser que os professores que se consideram “autoritários” são, na verdade, professores que estão fazendo valer sua autoridade; e o que se considera “permissivo” é um professor que dá liberdade ao aluno para o aprendizado. Quanto à maioria dos professores, subentende-se que têm esse equilíbrio entre autoridade e liberdade.

A seguir, foram feitas duas perguntas aos professores. As respostas de cada professor estão indicadas por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8 e P9.

A primeira pergunta foi sobre a motivação para colocar em prática o planejamento em uma turma indisciplinada. Assim, obteve-se as respostas abaixo:

P1: Para dizer a verdade, só Deus mesmo, pois é muito difícil ter motivação quando há tantos obstáculos a serem vencidos. Quais sejam: falta de interesse nos estudos; acesso ao celular, mesmo sendo proibido; ausência da família, não apenas na parte pedagógica, mas também na parte afetiva. Enfim, a sala de aula virou uma verdadeira guerra onde o professor tenta, com todas as armas pedagógicas e

emocionais, fazer com que o aluno queira estudar ao invés de brincar e tumultuar em sala de aula.

P2: Me motivo com o desafio de levá-los a ter interesse e motivação para realizar tarefas que os ajudem a construir ou reconstruir pensamentos e/ou paradigmas, levando a um melhor convívio social, mudando a direção de uma vida sem objetivos para um futuro melhor.

P3: Nenhuma, até porque não há um trabalho pedagógico realizado pela escola para que possamos resolver os problemas em uma sala indisciplinada.

P4: Nenhuma, a gente tenta fazer de tudo para a aula ser melhor, mas motivado mesmo, não me sinto.

P5: Tento despertar de diversas maneiras o interesse dos meus alunos. Na medida do possível tento estabelecer um diálogo com eles, buscando a cooperação deles, estabeleço “contratos” visando à aprendizagem, sou respeitosa com eles e exijo que o mesmo tratamento me seja dado.

P6: Motivação para formação de alunos com boas práticas no futuro.

P7: Minha moral.

P8: A crença que o meu exercício de aula contribuirá para a melhoria e qualidade de vida dos meus alunos.

P9: Tendo em vista o meu foco, objetivando atingir metas no aspecto pessoal e profissional. Desconsidero as adversidades que me desmotivam, buscando trabalhar com positivismo.

Pode-se perceber, pelas respostas dadas, que existem professores que ficam desmotivados ao trabalhar com uma turma indisciplinada, mesmo tentando fazer uma aula melhor. Outros tentam driblar as adversidades e continuar seu trabalho. Alguns ainda acreditam que podem modificar a vida de seus alunos.

A segunda pergunta foi sobre como o coordenador pedagógico poderia auxiliar o(a) professor(a) na intermediação dos conflitos disciplinares. As respostas dadas estão a seguir:

P1: Na realidade, o coordenador poderá ajudar em muito pouco, porque os conflitos causados em sala de aula são reflexos de uma sociedade doente e carente de educação moral e de falta de cidadania. O nosso aluno é retrato de toda uma sociedade carente, onde os valores éticos e morais são esquecidos, onde a família e a dignidade da pessoa humana são ignoradas pelo poder público. Os conflitos, na

realidade, estão intimamente ligados com os problemas de uma sociedade que não tem como prioridade formar cidadãos e promover dignidade a todos.

P2: O coordenador pedagógico pode auxiliar ao trazer a família para a escola, fazendo com que a mesma seja mais participativa, educadora e reflexiva. Ele pode fazer levantamento de alunos com deficiências e suas causas, sejam elas de cunho familiar, social ou cognitivo. É de suma importância a família entender que a escola e o professor não são inimigos de seus filhos e sim facilitadores para um melhor desenvolvimento. Um dos maiores fatores para a indisciplina dos alunos foi a criação do ECA, onde a criança/adolescente tem direito a quase tudo, sem que haja consequência alguma para seus erros.

P3: Chamando os alunos e conversando com eles. Trazendo palestras sobre o assunto para a escola. Trabalhando esse tema nas coordenações com os professores para em conjunto encontrar soluções para os conflitos.

P4: Não acho que seja função do coordenador. A função é do orientador ou outro. Coordenador poderia ajudar no planejamento, com ideias.

P5: O coordenador pode viabilizar a construção de um diálogo, diálogo pautado no respeito, juntamente com a direção, os alunos, os pais e professores. Não há como intermediar conflitos sem a participação de todos os envolvidos na escola! Além disso, o coordenador, como “mediador” dos conflitos, tem de ser uma pessoa que saiba ouvir, que seja imparcial, não queira achar “culpados”, que leve os alunos envolvidos nas situações de indisciplina a refletirem sobre o modo como estão agindo e, depois de discutir, analisar, devem os envolvidos proporem uma solução, não basta apenas “punir” os envolvidos, mas sim levá-los a uma mudança de postura por si próprios.

P6: Com atendimento aos familiares, buscando os ausentes para dentro da escola.

P7: Não sei responder.

P8: O grande movimento para solução dos conflitos disciplinares é construir uma rede de proteção do educando, reunindo os diversos segmentos que compõem o universo do estudante.

P9: Realmente, o coordenador pode somente auxiliar, mas somente quando acontece o bom desempenho de todos dentro da escola: professores, alunos. Em conjunto com as famílias dos alunos poderíamos ter mais interação e minimizar os problemas disciplinares.

Pelas respostas dadas, percebe-se que muitos professores têm bem claro qual a função do coordenador diante dos problemas disciplinares. Enfatizaram bastante a parceria com a família, sem esquecer os diversos segmentos que compõem a comunidade escolar. Também que é necessário levar o aluno a uma mudança de atitude, através de palestras ou outros procedimentos que a escola já adota, como os projetos multidisciplinares. Por não ser função do coordenador, nesta escola, a formação de professores, esta não foi citada. Problemas disciplinares podem ser discutidos e estudados nas coordenações pedagógicas, com o coordenador pedagógico.

3.4 Análise dos Resultados dos Alunos

O objetivo desta pesquisa era pesquisar todos os alunos de uma determinada turma, considerada muito indisciplinada. A turma possui trinta e dois alunos frequentes, mas o período de coleta de dados coincidiu com a greve dos professores e muitos alunos não frequentaram as aulas nesse período, apesar de vários professores estarem dando aulas para a turma. Assim, somente dezoito alunos foram pesquisados, respondendo a um questionário de dez questões, cujas respostas foram tabuladas em forma de gráfico, para melhor visualização.



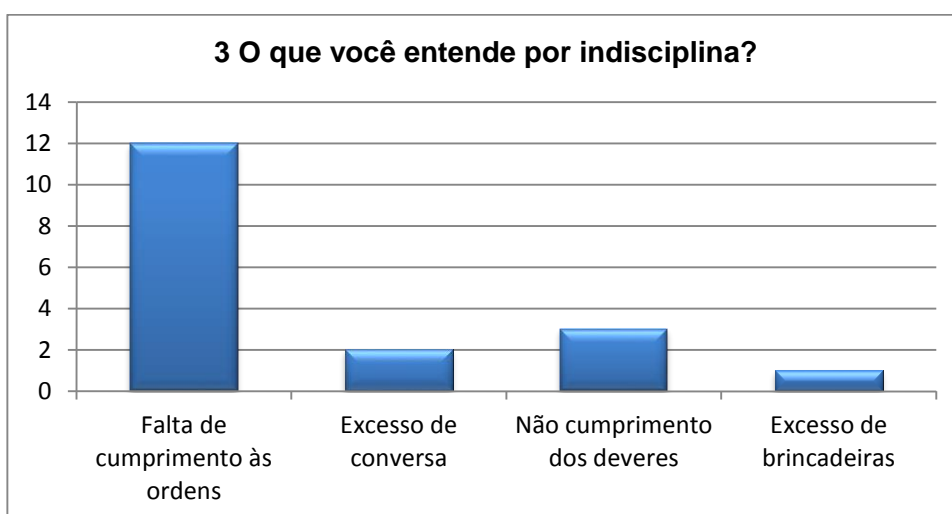
Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Essa é uma turma onde os alunos estão fora da faixa etária. Nem são alunos que deveriam estar no Ensino Fundamental, nem são alunos que deveriam estar na Educação de Jovens e Adultos. Esse fato pode ser um dos agravantes dos problemas disciplinares dessa turma.



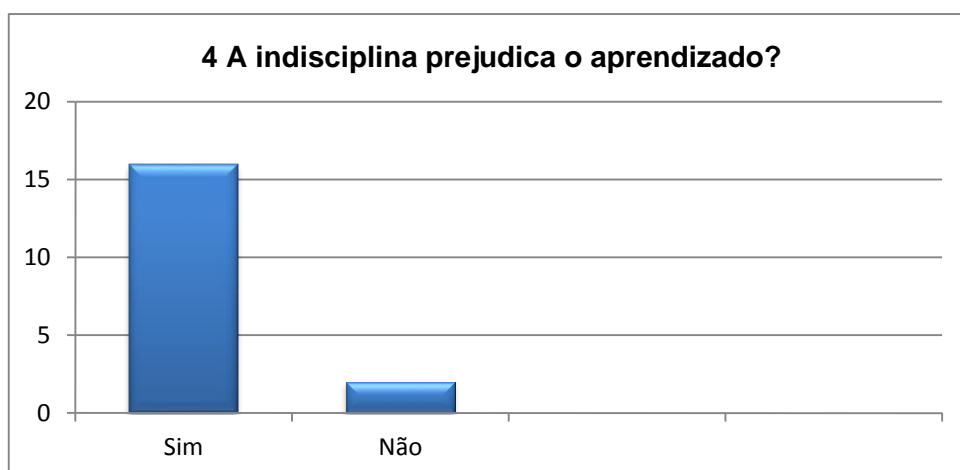
Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Dos alunos pesquisados, todos já reprovaram. Muitos não têm interesse no aprendizado e esse é um fator que colabora para aumentar a indisciplina. Existem alunos que já estão focados em estudar em uma escola de Educação de Jovens e Adultos. Ainda existem alunos que não acreditam em si mesmos, têm baixa autoestima e pode ser até que algum professor tenha colaborado para isso.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

De acordo com Parrat-Dayana (2008, p.6), “no sentido mais geral, a disciplina aparece como um conjunto de regras e obrigações de um determinado grupo social [...]”. Isto posto, pode-se notar que a maioria dos alunos entende indisciplina como falta de cumprimento às ordens, da mesma forma como cita a autora.

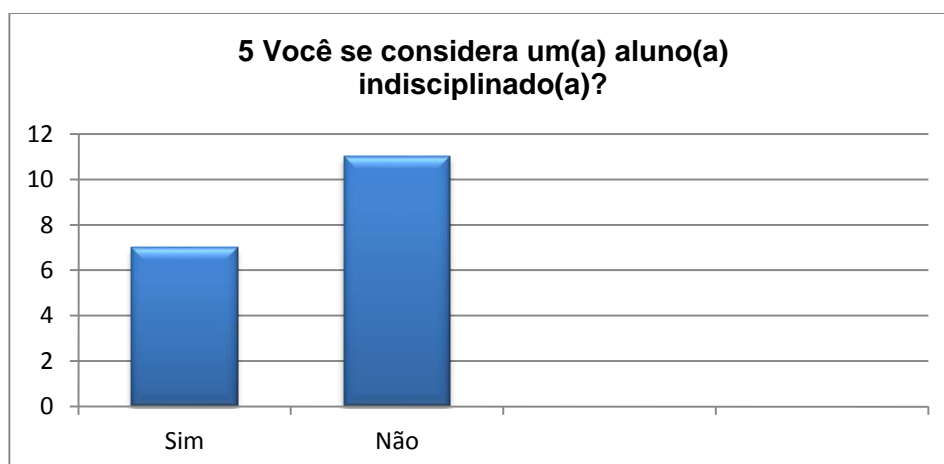


Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Vasconcellos (2009, p. 24) cita que:

Para que o educando possa elaborar as informações que recebe, é preciso um clima favorável; aliás, esse clima é necessário até mesmo para que se possa receber as informações, pois no caso de uma aula em que, por exemplo, todo o mundo fala ao mesmo tempo, a própria recepção da informação fica inviabilizada.

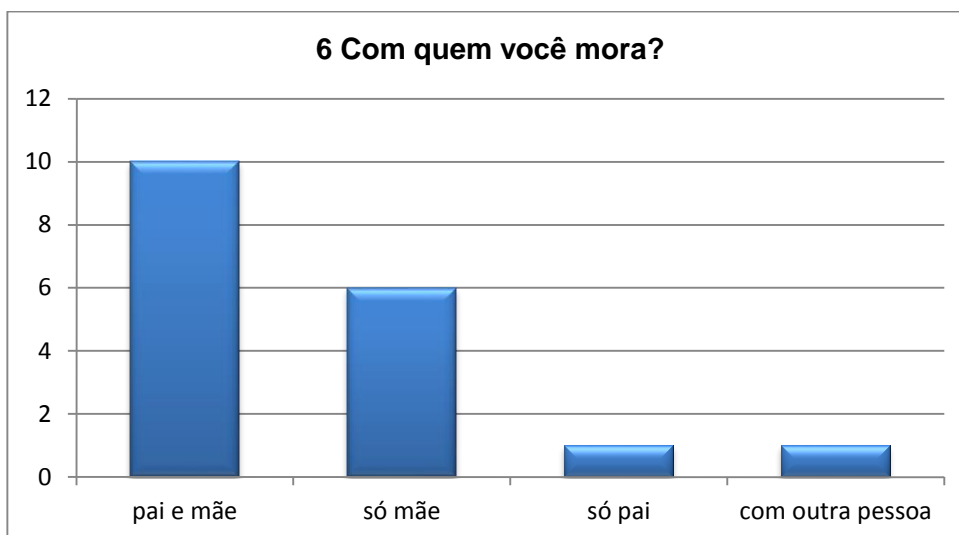
Como cita o autor, para haver o aprendizado é necessário um clima favorável e a maioria dos alunos pesquisados tem consciência disto.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

A turma pesquisada contém muitos alunos indisciplinados. Talvez alguns alunos não tenham consciência do seu comportamento. Outro fator que pode ter

gerado discrepância nos dados é que a coleta foi feita no período de greve e faltaram muitos alunos.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

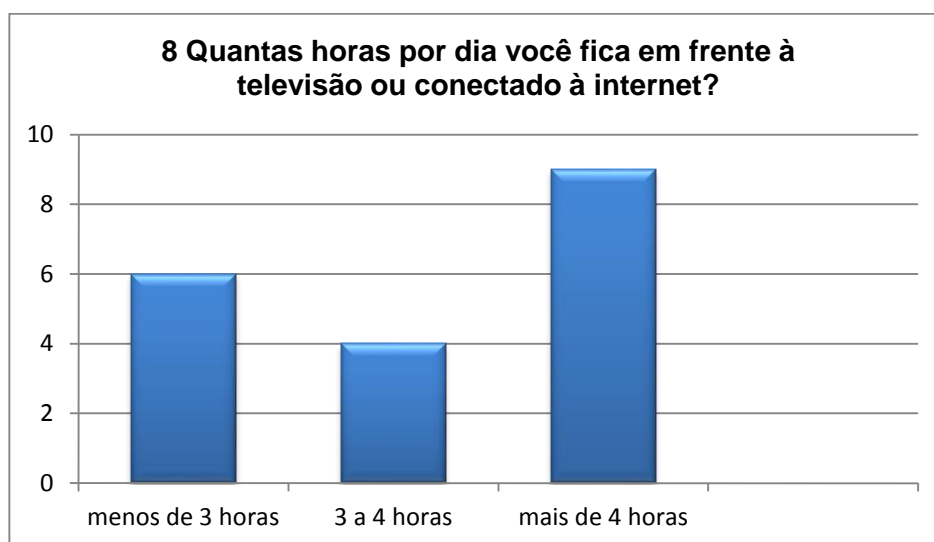
Percebe-se que esses jovens pesquisados têm família, a maioria constituída de pai e mãe ou a família onde a mãe é a chefe.

Segundo Parrat-Dayana (2008, p. 6), “sabemos também que a tarefa de educar já começa na família e estabelecer limites cedo não é mau”. Pode ser que esses jovens tenham sido educados e recebido limites em suas famílias, mas, a maioria apresenta um comportamento de pessoas sem limites.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

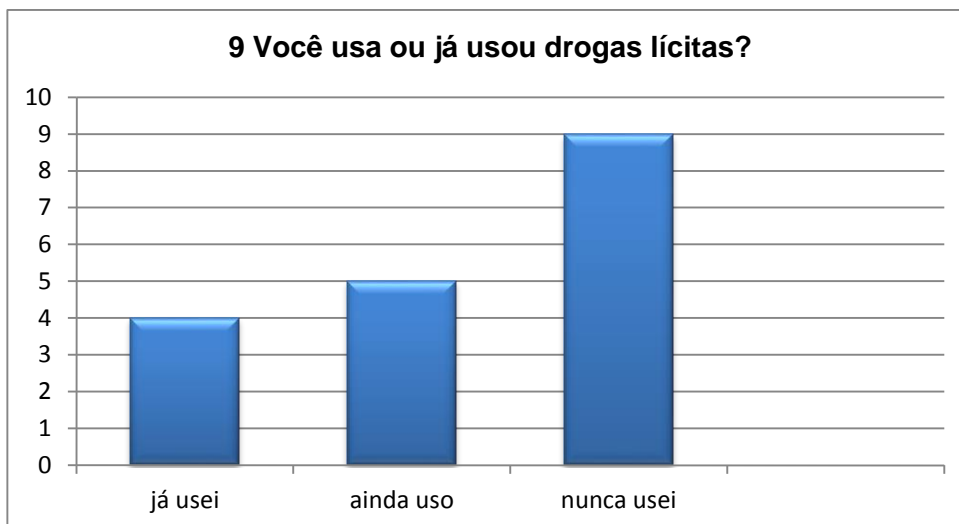
Pode ser que os alunos pesquisados tenham respondido a essa pergunta levando em conta que os pais se preocupam com as notas, se eles irão “passar de ano” etc., mas em casa. A realidade é que esses pais raramente vão à escola, pouquíssimos comparecem às reuniões, outros poucos vão buscar boletins (só comparecem para buscar notas se o aluno levar algum tipo de advertência) e há aqueles pais que só comparecem quando o aluno causou algo grave e a família é convocada à escola.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Pedro-Silva (2014) fala sobre a cultura do “zap”, que seria a do adolescente que, ao chegar da escola, se liga em várias coisas ao mesmo tempo: televisão, celular, internet, som. Quando vai se cansando de um, passa para o outro e o seguinte e o seguinte. É uma cultura criada pelo adolescente para não sentir dor. Na sala de aula, ele “zapeia” também o professor. Quando vai se cansando da aula (o que às vezes dura alguns minutos, ou segundos) ele começa a conversar, ouvir música etc.

Essa cultura, esse desperdício de tempo, esse ócio não construtivo, faz o aluno perder o tempo que teria para estudar, para ler.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Pelas respostas, verifica-se que metade dos pesquisados já consumiram algum tipo de droga do tipo cigarro ou álcool. A pesquisa foi realizada com alunos menores de idade e a realidade dessa turma não difere muito de outras turmas da escola. Existem alunos que “matam aula” e ficam nas proximidades da escola, principalmente em um clube próximo, e ficam bebendo.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora (2015)

Para alunos tão novos, esse é um dado preocupante. A escola tenta conscientizar os alunos dos malefícios das drogas, lícitas ou ilícitas, através de palestras, de trabalhos desenvolvidos nas aulas de ciências e tenta combater através da repressão, com o apoio do Batalhão Escolar. Mas é um combate difícil para a escola, para a sociedade, pois existem traficantes até entre os alunos. Os

nomes destes muitas vezes não são revelados, pois os colegas têm medo de represálias.

Fazendo uma análise global e algumas comparações, chega-se à conclusão de que a função do coordenador pedagógico ainda não está bem clara para todos os gestores e professores e para os próprios coordenadores.

Mesmo com tanta experiência, os professores têm sofrido com a indisciplina. Ainda assim, são profissionais que planejam suas aulas e muitos ainda têm a crença que podem modificar a vida dos alunos com seu trabalho, apesar de outros que se sentem desmotivados ao entrar em uma sala indisciplinada.

Os alunos dizem que seus pais se preocupam com sua vida escolar, mas a totalidade dos professores aponta a principal causa da indisciplina como a falta de orientação e acompanhamento da família.

Muitos alunos dizem ser usuários de algum tipo de droga e existem professores que desconhecem essa realidade. Pode ser que esteja faltando diálogo com a turma.

Analisando os questionários dos seis alunos que se consideram indisciplinados, pode-se ver algumas coincidências entre a maioria deles: têm 16 anos; já reprovaram 2 vezes; acham que a indisciplina prejudica o aprendizado; dizem que os pais participam de sua vida escolar; ficam de 3 a 4 horas na internet ou televisão; já usaram ou usam algum tipo de droga.

Pode ser que se essa pesquisa fosse feita com toda a escola, pelo menos com os 8^{os} e 9^{os} anos, obter-se-ia muitas respostas parecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, abordou-se como o coordenador pedagógico pode ser o mediador dos conflitos disciplinares que ocorrem no ambiente escolar.

O estudo foi realizado em uma escola em Taguatinga Sul, no Distrito Federal, que apresenta vários problemas disciplinares, mas não é uma escola violenta.

Ressalta-se que a indisciplina é um termo que até os teóricos da Educação divergem entre si. Portanto, chegar-se a uma conclusão sobre o trabalho do coordenador pedagógico frente à indisciplina demandaria mais tempo e mais estudo.

A pesquisa baseou-se em estudos teóricos e em questionários respondidos por uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, na qual a pesquisadora é uma das professoras. Também responderam aos questionários os professores desta turma, os coordenadores da escola e as gestoras.

Por meio da análise dos questionários e dos estudos teóricos chegou-se a algumas causas da indisciplina escolar, quais sejam: dificuldade do aluno em ser reconhecido, maus-tratos, violência familiar e social, uso de drogas, falta de acompanhamento dos pais, desobediência às ordens, falta de limites e de princípios, várias reprovações escolares, uso de armas brancas ou de fogo na escola.

Também chegou-se a algumas consequências que vêm juntas com a indisciplina escolar, tais como: professores agredidos verbalmente ou intimidados por parte dos alunos, professores sem motivação para atuar em turmas indisciplinadas, professores que se sentem humilhados frente à indisciplina, os próprios alunos reconhecendo que a indisciplina prejudica o aprendizado.

Pôde-se perceber que a escola, na figura de suas gestoras e professores, não é autoritária. Ela exerce sua autoridade, mas dá liberdade ao aluno para se expressar e está aberta ao diálogo com toda a comunidade escolar.

Nesse estudo, houve grande dificuldade para aplicação dos questionários, pois, na época da aplicação, foi o período em que a maioria dos professores e coordenadores estavam participando do movimento grevista. De qualquer forma, através de e-mail, todos colaboraram. Pode ser que, entre os alunos, a pesquisa não tenha sido tão exitosa, já que eles não estavam frequentando as aulas com regularidade e nem todos responderam ao questionário.

Como a proposição inicial deste estudo era investigar como o coordenador pedagógico pode interferir nos problemas de disciplina na escola, verificou-se, com

base nos questionários aplicados, que a função do coordenador pedagógico, em relação à disciplina não é bem clara para todos os gestores, professores e os próprios coordenadores. Quanto à disciplina, a função dos coordenadores limita-se a conversar com os alunos e com suas famílias. Em relação à formação dos professores, ela é inexistente. Não diferentemente de muitas escolas, os coordenadores pedagógicos sentem-se engolidos pelo cotidiano, sendo, muitas vezes, um “faz tudo” dentro da escola e acabam se afastando da sua função primordial, que é a pedagógica.

Como nesta escola prevalece a gestão democrática, faz-se necessário que se repense seu Projeto Político-Pedagógico, adequando-o à sua realidade e deixando claro os papéis de cada membro da equipe, especialmente o papel do coordenador pedagógico e sua atuação na formação dos professores.

Com este estudo, espera-se que a comunidade acadêmica possa continuar repensando e desenvolvendo outros estudos sobre indisciplina, que é um assunto que não se esgota e, principalmente, avancem os estudos sobre a função do coordenador pedagógico e que estes sejam cada dia mais divulgados, formando coordenadores proativos.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo; VIEIRA, Marili M. da Silva. O coordenador pedagógico e a questão dos saberes. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 5.Ed. São Paulo. Ed. Loyola, 2008.
- ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho=aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- AQUINO, J. R. G. A. **A indisciplina e a Escola atual**. Ver Fac. Educação, vol. 24 n. 2, jul.- dez/1998, p. 181-204. São Paulo IS e I.
- AUGUSTO, Silvana. **Desafios do coordenador pedagógico**. Nova Escola. São Paulo, n. 192, maio 2006. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0192/>. Acessado em: 16 de outubro 2015.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George; trad. GUARESCHI, Pedrinho A. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BARROSO, João. Ordem disciplinar e organização pedagógica. In: CORREIA, José A.; MATOS, Manuel (Org.). **Violência e violências da e na escola**. Porto: Afrontamento: CIIIE, 2003.
- CARVALHO, José Sérgio F. de. Os sentidos da indisciplina :regras e métodos como práticas sociais. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994.
- CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2003.
- DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- FERNANDES, Daniela. Pesquisa põe Brasil em topo de ranking de violência contra professores. **BBC Brasil**, Paris, 28 ago. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140822_salasocial_eleicoes_ocde_valorizacao_professores_brasil_daniela_rw> Acesso em: 23 set. 2015.
- FRANCO, Francisco Carlos. O coordenador pedagógico e a questão do protagonismo juvenil. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez. 1991.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

GEGLIO, Paulo César. O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. 5.Ed. São Paulo. Ed. Loyola, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de pesquisa**: coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil: 1964/1985**: Um estudo sobre a política educacional. Campinas: UNICAMP, 1990. 444 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.. 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUILHERME, Paulo. Professor no Brasil perde 20% da aula com bagunça na classe, diz estudo. **G1 Educação**, São Paulo, 02 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/professor-no-brasil-perde-20-da-aula-com-bagunca-na-classe-diz-estudo.html>> Acesso em: 23 set. 2015.

KANT I. Sobre a Pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep; 1996.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS. Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Itabuna, Bahia: Via Litterarum, 2010, 88p.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1994.

MACEDO, Lino de. **Ensaio pedagógicos** : como construir uma escola para todos? – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes. 1993.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo : Contexto, 2008.

PEDRO-SILVA, Nelson. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 7. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Vera L. T.; PLACCO, Vera M. N. de S. O coordenador pedagógico, a questão da autoridade e da formação de valores. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: Fundamentos para o trabalho docente**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VOLPATO, Rosangela Aparecida. A escola e a violência. In: HENNING, Leoni Maria Padilha; ABBUD, Maria Luiza Macedo (Orgs.). **Violência, indisciplina e educação**. Londrina: Edue, 2010. 396 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS

Prezado (a) aluno (a),

Gostaria da sua colaboração para responder este questionário, espontaneamente.

Suas respostas e sua identidade não serão identificadas. A qualquer momento, você poderá desistir de responder o questionário. Mas, se você decidir respondê-lo, faça-o com a maior honestidade possível.

O objetivo desse questionário é levantar dados sobre a indisciplina escolar para construir uma pesquisa, que estou desenvolvendo para o Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, da Universidade de Brasília.

Minha pesquisa é sobre como o coordenador pedagógico pode ser intermediador nos conflitos disciplinares no ambiente escolar.

Agradeço sua colaboração!

Cláudia Lucas de Lacerda

1. Qual a sua idade?

- ☐ 16 anos
- ☐ 17 anos
- ☐ menos de 16 anos
- ☐ mais de 17 anos

2. Você já reprovou de ano?

- ☐ nunca
- ☐ 1 vez
- ☐ 2 vezes
- ☐ mais de 2 vezes

3. Você mora com (a pessoa que é responsável por você):

- ☐ pai e mãe
- ☐ só mãe
- ☐ só pai
- ☐ outra pessoa

4. Seus pais (ou responsáveis) participam da sua vida escolar (vêm à escola, tentam tirar suas dúvidas, se preocupam com suas notas)?

- ☐ sim
- ☐ não

5. Quantas horas por dia você fica em frente à televisão ou conectado à internet?

- ☐) menos de 3 horas
- ☐) 3 a 4 horas
- ☐) mais de 4 horas

6. O que você entende por indisciplina?
- ☐) É a falta de cumprimento às ordens.
 - ☐) É o excesso de conversa.
 - ☐) É o não cumprimento dos deveres.
 - ☐) É o excesso de brincadeiras.

7. Você acha que a indisciplina prejudica o aprendizado?
- ☐) sim
 - ☐) não

8. Você se considera um (a) aluno (a) indisciplinado (a)?
- ☐) sim
 - ☐) não

9. Você usa ou já usou drogas lícitas (tipo bebida alcoólica ou cigarro)?
- ☐) já usei
 - ☐) ainda uso
 - ☐) nunca usei

10. Você usa ou já usou drogas ilícitas (tipo maconha, cocaína, crack)?
- ☐) já usei
 - ☐) ainda uso
 - ☐) nunca usei

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

Prezado (a) professor (a),

Gostaria da sua colaboração para responder este questionário, espontaneamente.

Suas respostas e sua identidade não serão identificadas. O objetivo desse questionário é levantar dados sobre a indisciplina escolar para construir uma pesquisa, que estou desenvolvendo para o Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, da Universidade de Brasília.

Minha pesquisa é sobre como o coordenador pedagógico pode ser intermediador nos conflitos disciplinares no ambiente escolar.

Agradeço sua colaboração!

Cláudia Lucas de Lacerda

1. Há quantos anos você está no Magistério?

() menos de 10 anos

() 10 a 15 anos

() 15 a 20 anos

() mais de 20 anos

2. Você tem tido problemas com indisciplina nas suas aulas?

() sim

() não

3. Você planeja suas aulas diariamente?

() Sim, por escrito.

() Sim, mas não por escrito.

() Não planejo, depende de como a turma vai se desenvolvendo.

4. O que você definiria como indisciplina?

- ☐ Desobediência às regras.
- ☐ Falta de princípios.
- ☐ Desorganização do trabalho escolar.
- ☐ Conversa excessiva.

5. Existem várias causas para a indisciplina, qual você acha que é a principal?

- ☐ Necessidade do aluno de chamar a atenção.
- ☐ Falta de afeto do aluno.
- ☐ Falta de orientação e acompanhamento dos pais.
- ☐ Aulas desinteressantes.
- ☐ Falta de “domínio” do professor.

6. Você já sofreu algum tipo de agressão verbal ou intimidação por parte dos alunos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

7. Seus alunos levam de vez em quando algum tipo de arma branca ou arma de fogo para a escola?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não que eu saiba

8. Seus alunos fazem uso, na escola, de algum tipo de droga lícita ou ilícita?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não que eu saiba

9. Você se considera um professor:

- ☐ autoritário
- ☐ permissivo
- ☐ nenhum dos dois

10. Qual a sua motivação para colocar em prática seu planejamento ao entrar em uma sala indisciplinada?

11. Como você acha que o coordenador pedagógico poderia auxiliá-lo(a) na intermediação dos conflitos disciplinares?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA OS COORDENADORES

Prezado (a) coordenador (a),

Gostaria da sua colaboração para responder este questionário, espontaneamente.

Suas respostas e sua identidade não serão identificadas. O objetivo desse questionário é levantar dados sobre a indisciplina escolar para construir uma pesquisa, que estou desenvolvendo para o Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, da Universidade de Brasília.

Minha pesquisa é sobre como o coordenador pedagógico pode ser intermediador nos conflitos disciplinares no ambiente escolar.

Agradeço sua colaboração!

Cláudia Lucas de Lacerda

Sobre os coordenadores Silvana Augusto (2006, p. 1) diz que:

“Engolido pelo cotidiano, não consegue construir uma experiência no campo pedagógico. Em ocasiões esporádicas, ele explica as causas da agressividade de uma criança ou as dificuldades de aprendizagem de uma turma. Hoje o coordenador organiza eventos, orienta os pais sobre a aprendizagem dos filhos e informa a comunidade sobre os feitos da escola.

Mas isso é muito pouco. Na verdade, ele se faz cada vez mais necessário porque professores e alunos não se bastam.

O coordenador eficiente centraliza as conquistas do grupo de professores e assegura que as boas ideias tenham continuidade.

Só assim é possível que o coordenador efetivamente forme professores (e esse é o seu papel primordial)”.

1. Qual sua experiência como coordenador(a) pedagógico(a)?

- () Menos de um ano
- () Um ano
- () Dois a quatro anos
- () Mais de quatro anos

2. Pedagogicamente falando, você acha que tem cumprido sua função de **coordenador(a) pedagógico(a)** ou tem sido engolido pelo cotidiano?

() Sim, tenho cumprido minha função.

() Não, estou sendo engolido pelo cotidiano.

3. Você participa da formação dos professores?

() Sim

() Não

4. Para atuar nos casos de indisciplina é necessário que o coordenador se aproxime dos alunos. Você sente que os alunos confiam em você?

() Sim

() Não

5. O coordenador é um líder entre os docentes. Você se sente assim?

() Sim

() Não

6. Como você pode contribuir para intermediar os conflitos disciplinares que ocorrem na escola?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO PARA A DIREÇÃO

Prezadas diretora, vice-diretora e supervisora pedagógica,

Gostaria da sua colaboração para responder este questionário, espontaneamente.

Suas respostas e sua identidade não serão identificadas. O objetivo desse questionário é levantar dados sobre a indisciplina escolar para construir uma pesquisa, que estou desenvolvendo para o Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, da Universidade de Brasília.

Minha pesquisa é sobre como o coordenador pedagógico pode ser intermediador nos conflitos disciplinares no ambiente escolar.

Agradeço sua colaboração!

Cláudia Lucas de Lacerda

1. A indisciplina, hoje, é o que mais atrapalha o desenvolvimento das atividades administrativas e pedagógicas?

() Sim

() Não

2. Você se considera:

() autoritária

() permissiva

() nenhum dos dois

3. Na escola existem alunos que vêm para as aulas portando armas brancas ou de fogo?

() Sim

() Não

() Não, que eu saiba

4. Na escola existem alunos que fazem uso de drogas lícitas ou ilícitas?

- () Sim
- () Não
- () Não, que eu saiba

5. Como a escola lida com os casos de indisciplina?

6. O aluno necessita de limites, mas também de liberdade para se tornar um cidadão capaz de transformar o meio em que vive. Como a escola dá essa liberdade ao aluno?

7. Como você acha que o coordenador pedagógico poderia auxiliar na intermediação dos conflitos disciplinares?
